

Ofício de psicanalista. *Impasses, desafios e perspectivas*



FEBRA  **PSI**
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Federação Brasileira de Psicanálise
Diretoria do Conselho Profissional
Março de 2022

Carlos César Marques Frausino - Org.



Expediente

Febrapsi (2020-2022)

Presidente - Cíntia Xavier de Albuquerque (SPBsb)

Secretária Geral - Gisèle de Mattos Brito (SBPMG)

Tesoureiro - Jose Alves Gurgel (SPFor)

Diretor do Conselho de Coordenação Científica - Bernard Miodownik (SBPRJ)

Diretor do Conselho Profissional - Carlos César Marques Frausino - Org. (SPBsb)

Diretora do Departamento de Publicações e Divulgação - Marina Kon Bilenky (SBPSP)

Diretora de Comunidade e Cultura - Wania Maria C. F. Cidade (SBPRJ)

Diretora Superintendente - Daniela Bormann Vieira (SPRJ)

Secretária do Conselho de Coordenação Científica - Joyce Goldstein (SPPA)

Editor da Revista Brasileira de Psicanálise - Claudio Castelo Filho (SBPSP)

Conselho Profissional da Febrapsi (2020-2022)

Cristina Cortezzi (SBPSP)

Maria Emilia Moreira Barcellos (SPRJ)

Àurea Lowenkron (SBPRJ)

Maria Cristina G. Vasconcellos (SPPA)

José Fernando de Santana Barros (SPRPE)

Sylvain Nahum Levy (SPBsb)

Rodrigo Boettcher (SBPdePA)

Luiz Marcirio Kern Machado (SPPel)

Nilton César Bianchi (SBPRP)

Sandra Selem Ferreira Adam (SPMS)

Leonardo Siqueira (SBPMG)

José Alves Gurgel (SPFor)

Marísia Abrão (SBPG)

José Carlos Vasconcelos (GP-Curitiba)

Josefa Maria Dias da Silva Fernandes (GEP-Rio Preto)

Ana Maria Michels (GEP-SC)

Equipe Administrativa da Febrapsi:

Gerente Administrativo Financeiro - Lúcia Lustosa Boggiss

Analista de Comunicação - Taís Simões Maia

Diagramação: Lannusa Castro

Foto da capa: autor desconhecido

Sumário

Introdução - Breves Notas de Trabalho – Carlos Cesar Marques Frausino (SPBsb)	4
--	---

Psicanálise, Racismo, Formação e Ações Afirmativas

Racializando a Psicanálise: Rompendo as Fronteiras Alienantes da Branquitude – Ignácio Alves Paim Filho (SBPdePA)	9
Racismo e Psicanálise – Paola Amendoeira (SPBsb)	17

Experiências de ações afirmativas

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre – Ane Marlise Port Rodrigues (SBPdePA)	29
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – Miguel Sayad (SPBRJ)	31

As experiências de Institutos de Psicanálise na formação de “leigos”.

Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – Dora Tognolli (SBPSP)	34
Instituto da Sociedade de Psicanálise de Brasília – Lúcia Passarinho (SPBsb)	37

Mercantilização da psicanálise e o Movimento Articulação

Documentos do Movimento Articulação	
Manifesto Articulação - 2022	42
Comunicado do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras Acerca de Nota Técnica Enviada ao Ministério da Educação - MEC	47

A Mercantilização da psicanálise - Algumas Reflexões

Curso de graduação em psicanálise: é possível? – Carlos Cesar Marques Frausino (SPBsb)	50
Psicanálise, regulação e tensão – Silvia Acosta (APA), Carlos Cesar Marques Frausino (SPBsb), Juan Pinetta (APA)	53
Bacharelado em psicanálise é aberração – Marco Antonio Coutinho Jorge (Uerj)	57
A atual banalização da Psicanálise – Carlos de Almeida Vieira (SPBsb)	59
Democratizar a psicanálise – Érico Andrade (UFPE)	60
Um engenhoso estímulo à impostura – Marco Antônio Coutinho Jorge (Uerj)	61
O desconforto da democracia – Érico Andrade (UFPE)	62
A clínica psicanalítica não se aprende na Universidade – Maria de Fátima Silveira dos Santos (SPBsb)	64
A psicanálise em questão – Vera Iaconelli (Instituto Gerar de Psicanálise)	66
Curso de graduação em psicanálise: a falácia autorizada – Luciano Elia (Uerj)	67
Bacharel sem formação – Daniel Kupermann (USP)	68
Por uma psicanálise responsável – Leonardo Francischelli (SBPdePA)	69

Breves notas sobre trabalho

Carlos Cesar Marques Frausino

Membro da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

Diretor do Conselho Profissional



Historiadores e cientistas sociais discutem quais os acontecimentos que definem o início e o fim dos séculos e seus respectivos *Zeitgeists*. Emergem indagações acerca dos *Leitmotivs* que os conformam e suas cesuras. O que marca o final do século XX e o início século XXI? Será que temos uma nova configuração da sociabilidade nesse novo período? Será que o desenvolvimento dos processos civilizatórios acompanhou a nossa evidente evolução cultural e material? Sobram perguntas e as respostas são escassas e frágeis para questões complexas e sensíveis.

Assim como o século anterior, o atual período é marcado por uma crise sanitária com a mais de seis milhões de óbitos no mundo e mais de 670 mil mortes no Brasil. Caso considerarmos as subnotificações existentes, em um país continental e com as intensas desigualdades no atendimento à saúde, como o Brasil, o número é significativamente maior. Infelizmente, associados à pandemia, observamos o crescimento de movimentos sociais negacionistas e contrários aos avanços civilizatórios resultados das conquistas sociais de décadas.

O aprimoramento das tecnologias de telecomunicação e da informática irrompeu as

relações e restrições de tempo e espaço e, hoje, é possível a conexão em tempo real em relação aos acontecimentos para muito além dos limites territoriais. Proporcionando a circulação das palavras e imagens, em termos globais, jamais vista, e também com um veloz incremento das desigualdades sociais das parcelas da população impedidas de estar em sintonia com tais mudanças.

Um quadro de profunda incerteza acerca da realidade social que se assemelha ao que Freud descreveu no trabalho “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, em 1915.

[...] sem distanciamento das grandes mudanças que já ocorreram ou estão para ocorrer e sem noção do futuro que se configura, ficamos nós mesmos perdidos quanto ao significado das impressões que se abalam sobre nós e quanto ao valor dos julgamentos que formamos.

A frustração, a desorientação, dilaceração do tecido social, destruição de arranjos institucionais que promovem a solidariedade entre as pessoas, lutos não elaborados e a falta de esperança vividas pela maioria das pessoas, de diferentes classes sociais, espelham, em grande medida, os impactos dessas mutações sociais ou civilizatórias na subjetividade contemporânea. Ao mesmo tempo, não se pode negar as agradáveis e benéficas vicissitudes

dessas transformações.

Sendo assim, emergem indagações acerca da psicanálise e a sua relação com a cultura e a sociedade contemporânea. Será que estamos municiados com reflexões e argumentos suficientes para navegar nesse quadro? Será que o edifício, teórico e clínico, da psicanálise suporta tais mudanças? E o exercício do ofício do psicanalista? No campo psicanalítico como se move a dinâmica entre tradição e inovação no processo de formação/transmissão da psicanálise? Como zelar do nosso ofício, em tempos de pandemia e de hiperconexão?

O objetivo dessas notas não tem a ousadia de responder tais questões, mas assinalar algumas atividades que a Diretoria do Conselho Profissional da Febrapsi, no biênio 2020-2021, realizou dentro desse enquadre civilizatório e suas mutações associadas ao **racismo e psicanálise**, a **experiência de institutos na formação de “leigos”** e na **promoção de ações afirmativas** e a **mercantilização da psicanálise**.

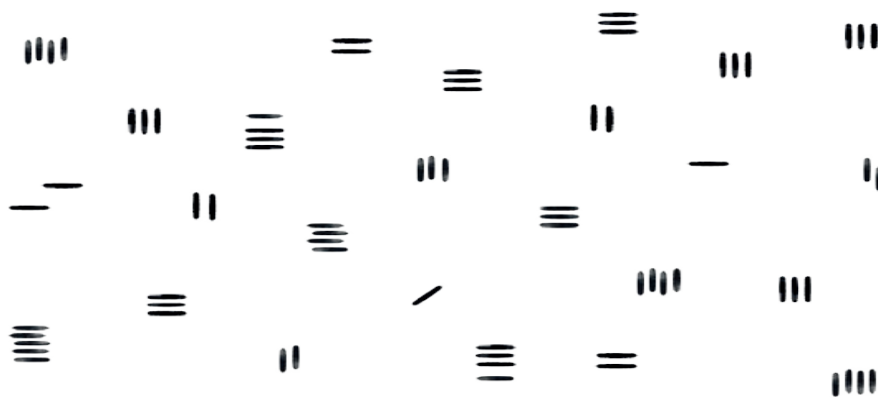
Mas é fato que a Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), presidida por Cintia Xavier de Albuquerque, a Federação de Psicanálise da América Latina (Fepal), presidida pela então presidente Maria Cristina Fulco e hoje por Andrés Gaitán González, e a *International Psychoanalytical Association* (IPA), então presidida por Virginia Ungar, tendo como vice-presidente Sergio Nick, e hoje por Harriet Wolfe, estão sintonizadas e atentas a tais sinais de mutação na dinâmica da sociedade e agindo institucionalmente.

Vale notar que a Febrapsi, há cinco anos, na gestão do presidente Daniel Delouya, criou dispositivo de comunicação entre a Federação e a sociedade brasileira *vis-a-vis* a constituição de espaço de discussão entre membros, uma *Ágora* (ἀγορά) virtual sob o olhar psicanalítico, acerca de acontecimentos sociopolíticos e culturais do Brasil e do mundo: o *Observatório Psicanalítico da Febrapsi*. Um marco na dinâmica da Febrapsi. A coordenação do projeto estava sob a responsabilidade da então Diretora de Comunidade e Cultura, Cintia Xavier de Albuquerque, e participavam da equipe Maria Elisabeth Mori e Carlos Cesar Marques Frausino.

Em maio de 2020, no início da pandemia, as imagens do assassinato de George Floyd, homem, negro, e morto sob o joelho do policial, homem, branco percorreram o mundo. Testemunhas que tentaram impedir o fato filmaram e divulgaram nas redes sociais. O que gerou uma onda de indignação, compaixão e dor, mas também de urgência.

No mesmo ano, a IPA cria o *Inter comitê sobre Preconceito e Racismo* e a Assembleia Geral da Febrapsi cria a *Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre Racismo e Práticas Antirracistas*, espaços institucionais que têm o objetivo de investigar, discutir e propor ações, sob a ótica psicanalítica, de combate ao racismo e outras formas de preconceito. O trabalho de Paola Amendoeira, nessa publicação, discute e desenvolve tal tema.

No entanto, as federadas assumiram e estão assumindo o protagonismo no combate ao racismo. Uma chaga da sociedade brasileira! A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)



promoveram reestruturações nos seus respectivos institutos com a adoção de ações afirmativas para a entrada de indígenas, negros e negras nos seus Institutos de formação. Outras federadas promoveram e estão promovendo discussões e cursos acerca da temática racial e a promoção de ações afirmativas.

O Conselho Profissional da Febrapsi, em reunião de 16 de outubro, discutiu as experiências da SBPdePA e da SBPRJ com a participação das suas presidentes Ane Marlise Port Rodrigues e Lúcia Palazzo. O registro da reunião estará no sítio eletrônico da Febrapsi.

Os textos de Ane Marlise Port Rodrigues e de Miguel Sayad sintetizam as experiências. Artigo de Ignacio Alves Paim Filho, da SBPdePA acerca da relação entre as instituições psicanalistas e o racismo ilumina esse importante tema.

Vale registrar, saudar e agradecer o incansável trabalho e o protagonismo de Ignácio e de Wania Maria C. F. Cidade, psicanalista da SBPRJ e diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi, para fertilizarem e catalisarem discussões e ações de combate ao racismo nas instituições psicanalíticas.

No vigoroso texto *A questão da análise leiga*, Freud (1926) reafirma as particularidades do método psicanalítico, destaca a natureza laica do saber analítico e sublinha a singularidade da formação/transmissão dos profissionais habilitados para o exercício da psicanálise que não seriam formados nas universidades ou escolas de medicina (atualmente poderíamos inserir a psicologia). Define que o *ofício* de psicanalista deveria ser exercido por “leigos” que dito pela letra freudiana seria aquele indivíduo analisado e que conquistou um saber sobre seu um inconsciente e não o saber constituído, cumulativo e totalizante gerado nas instituições convencionais de ensino. Argumentos que transcendem a natureza do saber psicanalítico, mas também abordam a origem e a formação dos profissionais habilitados a desempenhar tal *ofício*.

Após quase cem anos após a publicação do texto, questões e impasses destacados por Freud ainda estão presentes no seio da comunidade psicanalítica. O método psicanalítico é questionado em vários países, o ingresso nos institutos das sociedades psicanalíticas, no campo da IPA, é institucionalmente limitado aos leigos.

Em novembro de 2021, o Conselho Profissional se reuniu para discutir **a experiência da presença de “leigos” nos Institutos de Psicanálise**. Dora Tognolli, diretora do Instituto da SBPSP e Lúcia Passarinho, presidente, e Luciano Lírio, diretor do Instituto da SPBsb, apresentaram

as experiências de São Paulo e Brasília. Dora e Lúcia assinam os textos dessas iniciativas. A experiência da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE) também foi discutida no encontro. A Federação Brasileira de Psicanálise é uma instituição fundadora e componente do *Movimento Articulação* – um delicado arranjo institucional que une cerca de 24 entidades psicanalíticas de vários matizes teóricos e clínicos – que tem como objetivo obstruir projetos de lei no Congresso Nacional que visam à regulamentação da psicanálise como profissão e informar a sociedade da natureza e a especificidade do nosso ofício.

Um trabalho iniciado por Wilson Amendoeira e colegas que hoje, como em outras datas, diante os desafios que se apresentam à psicanálise, se mostra uma acertada estratégia de criar um fórum de discussão com as mais variadas escolas e instituições de psicanálise acerca dos desafios e ataques à psicanálise.

Com o a notícia do curso de licenciatura em psicanálise, no segundo semestre de 2021, por um grupo econômico, na modalidade Ensino à Distância (EAD), o Articulação se mobilizou e publicou *manifesto* informando a sociedade brasileira acerca da incompatibilidade da formação psicanalítica no modelo universitário, assinado por todas as instituições que compõem o movimento e com o apoio de mais de uma centena de outras do Brasil e do exterior. A Febrapsi assinou e participou ativamente desse processo.

Fato que despertou – de forma inédita – o interesse da grande imprensa brasileira para a discussão do tema. Psicanalistas associados à Febrapsi e de outros matizes publicaram artigos de opinião sobre o tema da **mercantilização da psicanálise** nos periódicos: *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília*, *Zero Hora* entre outros. Alguns desses textos estão nessa publicação. Certamente, a lista é incompleta.

No dia 31 de janeiro de 2022, dando prosseguimento às ações cabíveis, o Articulação enviou aos órgãos competentes no MEC – Conselho Nacional de Educação – CNE e Coordenação Geral de Regulação de Educação Superior – COREAD – *nota técnica* fundamentando nossa posição contrária à criação do referido curso, que segue para conhecimento. Ainda, sem respostas. Os documentos do Articulação estão anexados à publicação.

Por fim, agradeço à Diretoria da Febrapsi, ao Conselho Profissional, aos anteriores Diretores do Conselho Profissional, os colegas Presidentes das Federadas da Febrapsi e a todos os colegas envolvidos, diretamente e indiretamente, nessas atividades e no projeto de tornar a Febrapsi um espaço de discussão – próximo e pertencente a membros da Federação – acerca dos temas que compõem o desafio de ser e formar psicanalistas em tempos de profundas mutações na sociabilidade e na subjetividade.

Obrigado e boa leitura.

Psicanálise, Racismo, Formação e Ações Afirmativas

Racializando a Psicanálise: Rompendo as Fronteiras Alienantes da Branquitude¹



Ignácio A. Paim Filho²

Membro titular com função didática da SBPdePA

A branquitude é um constructo ideológico no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir do seu ponto de vista. Ela implica vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos. Tais vantagens são frutos de uma desigual distribuição de poder (político, econômico e social) [...].
(Priscila E. da Silva, 2017).

Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado de minha ascendência, ou como as pessoas começavam a dizer, da minha 'raça'
(Freud, 1925).

A problemática do racismo assola a cultura brasileira desde as suas origens coloniais e escravocrata, no início do século XVI, até o nosso tempo. Contexto explorado de forma emblemática por Jessé Souza em seu livro “Como o racismo criou o Brasil” de 2021. Nesse, o autor narra a intrínseca relação do racismo e seus desdobramentos na composição do estado brasileiro, que se refletirá nas precariedades sociais, econômicas e políticas, com ressonâncias importantes nas configurações da subjetividade, que marcam

nossa história e de forma mais dilacerante a da população negra.

Nesse sentido, vivemos um presente repleto do passado traumático do racismo na escravidão e da escravidão no racismo, em interrupta repetição. Problemática trabalhada exaustivamente – apesar da toda a letalidade praticada sob o julgo da falácia da democracia racial, uma negação que revela uma afirmação ominosa – pelos coletivos negros. Sendo estes os grandes responsáveis pelas transformações ocorridas na compreensão e efetivação de medidas antirracistas, diante dessa questão estrutural que atravessa de forma horizontal e vertical a ordem social brasileira.

Entretanto, o povo branco, que é criador e o executor do racismo estrutural, quando trabalhou essa temática, por um longo tempo, o fez pelo vértice do colonizador escravocrata, ou seja, através de um olhar que compreende o racismo como um problema do povo negro. Sendo assim, o seu pensar sobre o racismo estava assentado no princípio de um observador neutro, que tinha no negro o seu objeto de estudo e investigação.

Esse contexto é compatível com a lógica, das idealizações oriundas do *Eu-ideal*, inventada pela perversidade do branco, quando criou

¹ Esse texto é uma versão ampliada do trabalho a ser publicado na Revista Calibán, 2022.

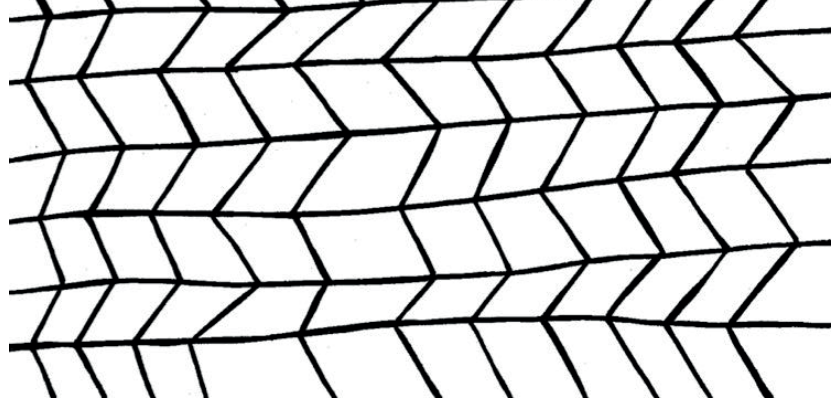
² Psicanalista. Autor do livro *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Porto Alegre: Artes e Eccos, 2021.

o negro. Sim, o negro é uma invenção do branco, que segue sendo reeditada por este, diuturnamente. Invenção que tem como meta a racialização desse outro, que é colocado no lugar de um não humano, ou um humano de segunda linha. Portanto, alguém sobre o qual tenho o direito de exercer todo o meu poder tirânico, em nome de torná-lo um ser “civilizado”, ou melhor, um ser subalterno, do qual posso dispor de acordo com meus interesses, visando gerar, perpetuar e alargar as *vantagens materiais e simbólicas aos brancos* em detrimento dos não brancos. É nessa direção que Mbembe vai fundamentar e nos convocar a refletir a respeito da pertinência de um pensamento crítico sobre a razão negra:

Mas o negro não existe enquanto tal. Ele é constantemente produzido. Produzi-lo é gerar um vínculo social de sujeição e um corpo de extração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento (Mbembe, p. 42, 2018).

A mudança dessa perspectiva *branconcêntrica*, comprometida como princípios eurocêntricos, com seu padrão de universalidade, começa a ser redesenhada a partir da segunda metade do século XX, no Brasil, por pensadores negros como Alberto Guerreiro Ramos (1957), Edith Pizza (2000), Maria Aparecida Bento (2002), e Lourenço Cardoso (2008), que trazem para o primeiro plano, a questão da necessidade de racializar o povo branco. Nesse processo, torna-se explícito que o racismo é um problema do branco, e reflete a torpeza de sua identidade, a sua psicopatologia social (Fanon, 1952/2008). Modelos identificatórios que constroem e são construídos sob a ótica de uma psicologia das massas conectadas com a supremacia branca, que o despótico pai da horda primeva freudiana representa de maneira exemplar. Portanto, é responsabilidade dos **não negros**, acima de todos, trabalhar em busca da resolução dessa chaga branca que a branquitude outorgou aos seres humanos, com a criação do ideário de raça com sua hierarquização. Conjuntura que está amparado, em parte, numa proposição paranoide, calcada na projeção: [...] *aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora* (Freud, 1911, p. 95). Retorna pela transformação no contrário, que faz do corpo negro o receptáculo e o revelador do abolido na alma do branco: sua inegável fragilidade, balizada pelo *repúdio da feminilidade* (Freud, p. 285, 1937). Esse mecanismo que visa desconsiderar o lugar do complexo de castração como organizador do sujeito e da ordem cultural, toma proporções avassaladoras. Os dois elementos, postulados por Freud, que são repudiados, referem-se ao temor da submissão dos homens a outro homem e nas mulheres à inveja do pênis. Indo além das questões de gênero, compreendo que esse *temor e inveja* sejam o resultante da insuportável dor, que é para o pequeno continente europeu e seus descendentes, confrontar-se com o gigante continente africano e seu povo, com suas múltiplas e diversificadas riquezas, materiais e simbólicas: o *medo branco* presente nas origens e destinos do racismo estrutural (Azevedo, 1987).

Seguindo nessa proposição, temos que o racismo tem sua existência viabilizada e sustentada,



no decorrer do tempo e do espaço na história da humanidade, devido ao poder intrínseco que a branquitude comporta. Poder que determina uma forma única de ser, estar, ver, escutar e sentir no mundo. Sendo assim, pensar no racismo implica, antes de tudo, pensar na branquitude e seus eternos privilégios, que circulam entre um saber consciente e inconsciente. Contudo, destaco que esse “não saber inconsciente” não o exime da responsabilidade transgeracional que o constitui como sujeito, e faz parte da comunidade composta pela raça branca: [...] *Assim cada indivíduo é parte integrante da alma de muitas massas, a da raça, a da sua classe, a da comunidade de fé, a de seu Estado [...].* (Freud, 1921, p. 207).

Este cenário, de um Estado brancocêntrico – assentado em um conjunto de metas delirantes, que apontam para um incandescente falocentrismo – está empenhado em viabilizar as melhores condições para facilitar a trajetória de quem dele faz parte. Aos não brancos, vistos como estranhos e exóticos em seu próprio país, resta o destino de viverem segregados, espoliados e exilados nas periferias e afastados dos lugares de poder: *A ausência ou baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas* (Djamila R., p. 33, 2019). Por quê?

Essa breve narrativa visa nos conectar com a letalidade da branquitude de uma forma ampla, reafirmando que ela é a causa e o racismo sua consequência. Essa que implica num exercício de poder violento, em prol do que julga ser seus direitos, que se manifesta no silenciamento, apagamento simbólico e efetivo de corpos negros, como também, no epistemicídio, com suas apropriações indevidas, do legado da negritude. Penso que agora é momento de refinarmos todos os nossos sentidos e nos voltarmos às nossas instituições. Nesse conectar surgem indagações, direcionadas pela inquietante proposição de rever a continuidade e a urgente descontinuidade de nossas ideias e nossa prática psicanalítica: porque a psicanálise sempre silenciou – continuidade – ou no máximo, murmurou sobre esse problema, que toca a todos nós? Temos como formar analistas, comprometidos com fazer ético, sem trabalhar as implicações da branquitude nas origens e destino do racismo em nossos institutos? Por fim, nós, analistas, estamos dispostos a assumir a responsabilidade pela ruptura – descontinuidade – do *pacto narcísico* (Bento, 2002) que a psicanálise efetuou com a branquitude?

Apsicanálise, como todos sabemos, nasce e se desenvolve de maneira mais plena, num primeiro momento, no continente europeu, marcada por movimentos de rupturas, descontinuidades, em relação ao que estava estabelecido. Freud suportou, por muitas vezes, viver à margem

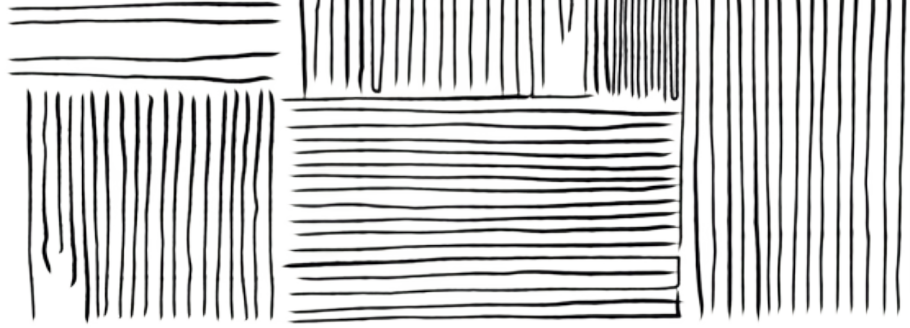
do mundo científico do qual era originário. Como dizia, ser judeu e psicanalista requer a necessidade de desenvolver capacidades para viver na *Oposição e passar sem consenso à 'maioria compacta'* (Freud, p. 316, 1926), com sua violência dessubjetivante. Nesse sentido, a psicanálise sempre teve uma vocação para o exílio, em relação às verdades pré-estabelecidas, que refutam o lugar da interrogação em prol de afirmações alienantes, com seus territórios definidos. Revelar o mal-estar na cultura sempre esteve nos pressupostos freudianos.

Contudo a psicanálise, e os psicanalistas, em seu processo de constituir-se como uma ciência universal, conquistando continentes, deixou-se enredar, estranhamente, nas tramas erigidas pela supremacia do individual, em detrimento do coletivo, primados do sistema capitalista – *corpos de extração* – conjunção de escravidão e racismo. Cenário condizente com uma cultura atravessada por exacerbações de demandas de ideais narcísicos brancocêntricos – vulnerabilidade de um pensar e um fazer ético. Ao adquirir tal condição, de alienação de si mesma, a psicanálise se viu impossibilitada de desenvolver uma escuta para o sofrimento coletivo que o mal-estar do racismo estrutural da branquitude, com seus mecanismos de poder, instituiu sobre o povo negro.

Em sintonia, com esse enredo tanático, Neusa Santos Souza enuncia: *Saber-se negra [negro] é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas* (p. 46, 1983/2021). Porém, essa psicanalista, escritora e intelectual negra, nos diz mais: *Mas, também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades* (p. 46). Eis aí um certo indicativo, para o trabalho a ser feito pela psicanálise, em defesa da descontinuidade das suas práticas racistas. É necessário ampliar nossa escuta e reconhecer este renegado por nós e em nós.

Entretanto, se faz necessário sublinhar, as questões raciais, mesmo as referentes ao antissemitismo – *por que devo sentir-me envergonhado de minha ascendência* – não foram objeto de um estudo, em maior profundidade, no pensar de Freud. Provavelmente pelo seu temor de que a psicanálise fosse considerada uma “ciência judaica” e, portanto, excluída do universo “caucasiano”. E nós tememos o quê? Tornarmo-nos uma “ciência negra” e, portanto, correndo o risco de ser excluída do universo que é sustentado por uma *Weltanschauung* imantada pela cosmovisão da brancura?

Diante dessas constatações, temos subsídios, mais que relevantes, para ousarmos fazermos um exercício de escuta e denúncia desse cenário em nossas Instituições, em prol de transformações. Como sabemos, em consonância, com o imperialismo dessa brancura, nossas casas psicanalíticas têm uma maioria maciça de brancos e brancas e, uma minoria mínima de negros e negras, inversamente proporcional à realidade da população brasileira (56,4% de negros). Acredito esse cenário de exclusão de negros e negras, bem como dos não brancos, do território psicanalítico seja um fenômeno universal. Sendo assim, faz sentido, mesmo que sinistro, a criação de mecanismo de negação dessa percepção, não queremos



saber da verdade material e histórica da branquitude/racismo presente nos mais diferentes segmentos que compõem o contexto psicanalítico: [...] *mecanismos que impedem que o sujeito branco ouça verdades desconfortáveis, que, se levadas a sério, arruinariam o seu poder.* (Kilomba, p. 204, 2019)

Entretanto, faço uma advertência, esse “não querer saber” é portador, com sua força endogâmica, de uma autodestrutividade, que inevitavelmente compromete a vitalidade da psicanálise, em todos os seus continentes. Momento apropriado para operacionalizar o juízo de existência e o juízo de condenação, em detrimento do juízo de atribuição - reconhecer o racista que nos habita - em prol do advir *ações intelectuais* (Freud, p. 149 1925) de cunho reparatórios...

Se assim o for, esse problema renegado, por todos nós, necessita, para sua resolução, de um trabalho coletivo, desde os nossos divãs à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Tenho a expectativa que a IPA assuma, conjuntamente com as Sociedades e Federações, seu papel de protagonismo visando a resolução do *apartheid* que branquitude vem operando em terras psicanalíticas, por mais de um século: **macro ponto cego**, racismo institucional, que se faz presente de forma sistêmica, em nossas teorias e no exercício do nosso ofício, com repercussões deletérias no tripe da formação analítica. Tempo de romper com as fronteiras alienantes da branquitude...

Partindo desses dados objetivos, com suas proeminentes subjetividades, ausência da população negra, mais ausência de estudos sobre essa problemática de forma sistemática, conjuntamente com a indiferença atemporal, em relação a esses fatos podemos referendar que o *pacto narcísico com a branquitude* tem estruturado nossas instituições: *Ao centro senhores sentados/Vendo a colheita do algodão branco/Sendo colhidos por mãos negras*. Tal conjuntura revela a faceta racista da psicanálise e dos psicanalistas, com suas fronteiras delimitando e albergando a força letal e alienante da branquitude - que tem por ideologia o princípio que diz: *eu sou porque tu não és* - em detrimento da força erótica da negritude - *eu sou porque nós somos* (filosofia Ubuntu). Diante dessa constatação, incontestável, devemos começar e desenvolver medidas reparatórias que possam vir a viabilizar o acesso de negras e negros à formação analítica, bem como edificar novos aportes teóricos e técnicos para a descontinuidade do mal-estar na cultura psicanalítica, produzida pela psicopatologização do racismo: *Eu quero ver/Quando Zumbi chegar/O que vai acontecer...*

Com essa aquisição, podemos criar um terreno fértil para o desenvolvimento de uma psicanálise decolonial: desconstrução - construção e reconstrução, em sintonia com um descentramento europeu, em proveito do pluricentrismo que o conhecimento do saber de

matriz africana comporta. Como nos diz Freud: *A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência* (1926, p. 125). Contexto propício para racionalizar a psicanálise, o ressignificar, nesse *a posteriori*, o tornar-se negro, em parceria com o significar, nesse *a priori*, o tornar-se branco, evocando novas e inquietantes *qualidades do nosso sentir* (Freud, 1919, p. 329), transpondo as margens restritivas impostas pela estética unívoca da branquitude...

Nessa direção, *de uma nova ciência*, em busca de ações reparatórias, temos dois projetos pioneiros em execução no Brasil, um na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e outro na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), que poderão servir de referência. Ambos, com suas especificidades, têm em comum o estabelecimento de condições que estão rompendo, efetivamente, com a força endogâmica da branquitude, em prol da exogamia que a negritude comporta. Esses projetos fazem uma conexão no corpo e alma, via ressignificação, com o ideograma Adinkra Sankofa (San - retornar; Ka - pegar), representado por um pássaro, que voa para frente, mas tem um olhar para o passado. Retorno ao passado como fonte de aquisição de sabedoria e transformação do legado dos ancestrais, que produz as condições, no momento presente, para lançar-se em novos voos em direção ao futuro. Presente que assentado em repetições que levam à recordação e à perlaboração, geram expectativas da construção de um novo tempo, Tempo de escutar e realizar as *demandas de Zumbi*...

Conjugando o futuro no presente. Por esse caminho devemos seguir a recomendação irrefutável de Ângela Davis: *não basta não ser racista, temos que ser antirracista*. Reparação calcada, no primeiro momento, no reconhecimento público de nossa dívida, impagável no sentido pleno, mas passível de ressarcimento, com o povo negro; num segundo, estruturarmos, de forma efetiva, programas que cumpram a função de fazer a abertura de nossos territórios, em termos econômicos, políticos e educacionais, até então blindados, para esse povo, com consequentes medidas que consolidem sua permanência, não como estrangeiro, antes como um cidadão legítimo. **Assinalo: não somos o outro do branco.** Tempo das *mãos negras* usufruírem os lucros *da colheita do algodão*...

Com objetivo de seguir trabalhando, por uma psicanálise não pautada pela branquitude, registro um recorte da letra da música de Jorge Ben Jor - *Zumbi* (1974).

Angola Congo Benguela
Monjolo Cabinda Mina
Quilola Rebolo
Aqui onde estão os homens
De um lado cana de açúcar
Do outro lado cafezal
Ao centro senhores sentados



Vendo a colheita do algodão branco
Sendo colhidos por mãos negras

Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer
Zumbi é senhor das guerras
É senhor das demandas
Quando Zumbi chega é Zumbi
É quem manda
Eu quero ver

Referências

- Azevedo, C. M. M. (1987). *Onda negra, medo branco*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Bento M. A. S (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. In: *A psicologia social do racismo; estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil* (Org. Bento, M. A. S & Carone, I). São Paulo: Vozes.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. (original publicado em 1952).
- Freud, S. (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, Sigmund (1919). O inquietante. In: *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"); além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise da Eu. In: *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos, Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- Freud, S (1925) A negativa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1926) Discurso perante a Sociedade B'nai B'rith. In: *Edição standard brasileira das obras*

psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 20. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1926) O valor da vida - uma entrevista rara de Freud (G. S. Viereck). In: *Sigmund Freud & o Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

Freud, S. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago.

Kilomba, G. (2019). *Memórias de plantação: episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogò. (original publicado em 2008.)

Mbembe, A. (2013- 2015). *A crítica da razão negra*, São Paulo: n-1, 2018.

Ribeiro, D. (2019). *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras.

Souza, J, (2021). *Como o racismo criou o Brasil*. São Paulo: Estação Brasil.

Souza, N. S, (2021). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em Ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar. (original publicado em 1983).

Silva, P, E. (2017). O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In *Branquitude; estudos sobre a identidade branca no Brasil* (Org. Müller, T. M. P e Cardoso, L). Curitiba: Appris.

Racismo e Psicanálise¹

Paola Amendoeira

Membro da SPBsb

Membro do Comitê da IPA junto à ONU

Membro do Inter Comitê sobre Racismo e Preconceito
(2020/2021)



Resumo

A partir da experiência ao compor o Inter Comitê da IPA sobre racismo e preconceito, a autora discorre sobre algumas implicações para a Psicanálise quando o tema é racismo e direitos humanos apontando a responsabilidade quando a atenção está voltada para fora, para a comunidade na qual está inserida e, para dentro, quando a atenção está no modo com abordamos clinicamente as relações raciais internalizadas. O reconhecimento das dinâmicas inconscientes que envolvem a branquitude são apresentadas a partir de uma perspectiva psicanalítica.

Palavras-chave: psicanálise, racismo, branquitude, direitos humanos, preconceito.

Será correta a suposição de que a idade dos répteis antecedeu a Hitler ou será isso uma característica de nosso processo de pensamento que se tornou uma aberração, que não tem sido considerada como tal, mas que acabou se tornando parte daquilo que é observado? Suponha

que a realidade seja um caos desprovido de significado. A aparência de ordem e coerência podem ser peculiares ao sistema dedutivo humano e relatadas como se fossem uma característica de uma conjunção constante.

(Bion, 1975/1989, p. 95)

Freud fez de si mesmo o campo maior de suas experiências.

(Marchon, 2012, p. 30)

Uma chama não perde nada ao acender outra chama (Gonçalves, 2006)

*ditado africano²

- Quantos lados tem a bola?

As crianças mais novas costumam se envolver em charadas e anedotas e ficam muito satisfeitas e orgulhosas quando percebem que conseguiram conduzir o interlocutor a um labirinto.

- Como bolas, que são redondas, podem ter

¹ Amendoeira, P. (2021). Racismo e psicanálise. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 23(1), 210–222.

² O livro *Um defeito de cor*, escrito em 2006 por Ana Maria Gonçalves, é uma verdadeira saga histórica e diaspórica africana que através dos 'ríozinhos de sangue' – como Kehinde, a protagonista, ainda criança nomeava as violências e o sofrimento que vivia – conecta África e o vir a ser brasileiro que somos e ainda não podemos ser. Ela dedica o livro aos avós com o ditado: “Quando você segue as pegadas dos mais velhos, aprende a caminhar com eles.” Aos amigos, com o ditado: “Amigo é como um vizinho quando Deus está distraído”. E também dedica aos historiadores, escritores, professores, sociólogos, antropólogos e etc. o ditado que está na abertura deste texto. Os ditados são todos africanos.

lados? Ora, são redondas! Não tem esquina, nem quina, quanto menos, lados!

Bingo!

O interlocutor foi capturado e agora é só aguardar mais um pouco suas elucubrações carream a ansiedade fruto da confusão e sacar a resposta.

A mais simples, óbvia e coerente: - Dois lados.

Alguém que ainda não esteja confiando na sapiência infantil, poderia insistir: - Nada disso, bola não tem nenhum lado, afinal é redonda.

Neste caso o triunfo alcança quantum de excitação máxima e a criança sabida responde com segurança: - Tem dois lados, o de dentro e o de fora!

Se essa dupla estivesse bastante à vontade e livre, essa bola poderia rolar mais um pouco na pesquisa do tema e, quem sabe, chegar a ideias de ser, ao mesmo tempo, brilhante e precário. Sistema, aparelho, mundo interno, psiquismo, mente. Independentemente do nome de melhor escolha e das particularidades que cada um deles informa, em qualquer um o fator precariedade se apresenta como destino, mas também como fomento vital para muitas criações impensáveis ao sistema anterior.

Se, por um lado, somos capazes de alcançar e elaborar complexas equações, sejam elas matemáticas ou emocionais e experienciais, por outro, a depender do ponto de visão (interno ou externo), só é possível ver um deles e não o outro. Do lado de dentro, ou do lado de fora? Do lado de lá ou de cá? Ou de cá, ou de lá? E, na mesma frequência da pulsação da pupila procurando a abertura e permitindo o foco, para ver o outro lado, é necessária a flexibilidade. Mudar a posição, ou seria - mudar a disposição? Daí, como é da nossa natureza, já não é mais possível ver o lado que se via antes. Pode-se imaginá-lo, sonhá-lo, fantasiá-lo, mas não o ver. Entretanto, como deixar de tentá-lo e, assim, ampliar ainda mais nossos campos perceptivos? Não desistimos. Ora vemos, sentimos, vivemos, de um jeito. Ora de Outro. Ora estamos em um lado. Ora em outro. Ora, de um lado estamos no outro lado. E ora, ainda, em outro do outro lado.

Da bola que rola, com seu lado de dentro e seu lado de fora, vou parar em racismo de dentro e racismo de fora e rapidinho vem junto, Psicanálise para dentro e Psicanálise para fora.

Em 25 de Maio de 2020, em Minneapolis, em pleno surto de coronavírus e no início da pandemia, George Floyd, homem, negro, é morto sob o joelho do policial, homem, branco. Na era da hiper-exposição, tudo filmado por testemunhas que tentavam evitar o que estava acontecendo. Por exatos nove minutos e vinte e nove segundos, George Floyd repetiu 27 vezes: 'eu não consigo respirar'. Já em seus últimos minutos foi possível escutá-lo chamar por sua mãe e seu filho e dizer que os amava. Rapidamente o vídeo se espalha pelo mundo gerando uma grande onda de indignação, revolta, dor e também urgência.

Como pensar esta Cesura? Esta coexistência de estados mentais e do trânsito entre eles, o impacto investindo a transição e a permanência. A partir dali não seria mais possível seguir em frente, sem encontrar espaço para pensar a experiência catastrófica que a verdade da

cena, nua e crua, revela.

Reagimos. Começamos a acompanhar o tema do preconceito de cor e do racismo ser posto em debate, nas instituições psicanalíticas ao redor do globo, exigindo uma profunda reflexão de nossa parte.

Na *International Psychoanalytical Association* (IPA), no final de junho de 2020, Virginia Ungar, sua presidente, avança ao levar o Projeto “Inter comitê sobre Preconceito e Racismo”³ ao Board da IPA que o acolhe prontamente, e no mês seguinte, o trabalho se põe em movimento. Seu objetivo principal é realizar um estudo profundo sobre preconceito, racismo e violência, de um ponto de vista psicanalítico e que inclua e aborde um autoexame e reflexão através de uma perspectiva individual, social e também institucional.

Nos EUA, a *American Psychoanalytic Association* (APsaA), em setembro de 2020, anuncia a implementação da “The Holmes Commission on Racial Equality” com o objetivo de promover uma ampla reflexão, com a consequente compreensão psicanalítica de como o racismo e seus impactos se manifestam dentro daquela organização e institutos componentes.

E fechamos o ano de 2020 com a Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) criando um grupo de trabalho para pensar sobre racismo. A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPPA) forma um grupo de estudos “Colonialismo, racismo e desigualdade”. A Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) começa a oferecer cursos e bolsas após debate interno sobre ações afirmativas. Na Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) abrimos um curso sobre o estudo das relações raciais, a partir dos trabalhos de Virgínia Bicudo. Esses são apenas alguns e espero, não todos, exemplos do efeito multiplicador provocado por um único e impactante evento, capaz de condensar um grande quantum de energia reprimida, contida, esvaziada, e fazer trabalhar, integrando o ódio, a raiva e a possibilidade de elaboração da culpa no desencadear de uma série de atitudes e ações há tanto tempo necessárias, mas adormecidas, silenciadas, negadas e cindidas. Enfim, parece ter chegado o momento em que já não é mais possível não as pensar sem que, para isso, assumamos, conscientemente, a perversidade que alimenta esta recusa.

Como sabemos, é a existência dos pensamentos que força o desenvolvimento do aparelho para pensar.

E de repente nos vimos, psicanalistas, a pensar o que temos a ver com isso. Será que, afinal, temos algo a ver com essa coisa de racismo? A pergunta é capciosa. Parece mais simples de responder do que, na verdade, é. É trabalhoso encontrar argumentos que sustentem e justifiquem a amplitude de contradições encontradas ao começar a falar sobre racismo e Psicanálise.

A pandemia nos pegou, a todos, de surpresa, impondo distanciamento e isolamento e, de

³ O Inter Comitê sobre racismo e preconceito foi composto por representantes de quatro comitês considerados estratégicos para a abordagem do tema. São eles:

- IPA community committee on Violence com a Chair Carine Minne
- IPA Sexual and Gender Diversity Studies Committee com o Chair Marco Posadas
- IPA Committee on Women and Psychoanalysis com a Chair Paula Ellman e,
- IPA UN Sub-committee com Paola Amendoeira.



repente, deste auto entranhamento forçado, janelas se abrem e a possibilidade de participar virtualmente de encontros ao redor do mundo estende pontes que ultrapassam as fronteiras e criam verdadeiras rodas coletivas virtuais de convívio e de troca. Um verdadeiro escambo de experiências que espero partilhar neste trabalho, trazendo algumas das colaborações do que e como a Psicanálise da IPA vem refletindo, pensando e trabalhando.

De início, quando o tema raça emerge, ato contínuo pensamos em negritude e sem perceber, ao focar a negritude corremos o risco de acabar por promover os próprios processos que tentamos entender ou evitar. Como psicanalistas, é preciso refletir sobre como ouvimos ou formulamos perguntas de modo a não repetir a violência.

Enfim, problematizar a branquitude continua fora do espaço para pensar o racismo e impossibilita a compreensão das relações raciais, na medida que elimina uma das partes entendendo-a como universal, enquanto a outra acaba por ser patologizada, estereotipada e estigmatizada.

Quando o assunto é racismo, sentimentos de raiva costumam surgir, mobilizados com grande energia. Um clima de ameaça e fantasias persecutórias vai em crescente e frequentemente tomando conta do grupo, que se põe em posição defensiva, argumentando que individualmente não se é racista, ou não se acha racista. É nessa hora que as coisas começam a se confundir e se embaralhar, de um modo que pode evoluir para a paralisia e impasse pela incapacidade para suportar o reconhecimento de suas partes sujas e más, que a passagem à posição depressiva impõe para que a possibilidade de reparação seja posta em movimento.

Por alguma razão (que neste momento não cabe declinar para que não se corra o risco de nos afastarmos muito) e, em algum momento, a Psicanálise parece ter se fechado em si mesma, numa espécie de hiper-entronização do mundo interno e afrouxado os laços com o mundo externo e com as outras ciências, suas primas, como a sociologia, antropologia, filosofia, que se expressa em certa recusa da consideração da qualidade da realidade externa e seus impactos no psiquismo individual.

Essa troca tinha presença garantida nas reflexões e interlocuções nos escritos de Freud e seus companheiros no alvorecer da Psicanálise. Para citar apenas dois exemplos, mais tarde, esteve presente na escola inglesa através do olhar e das contribuições de Elizabeth Bott Spillius, já antropóloga ao iniciar sua formação psicanalítica, ou Virgínia Bicudo, no

Brasil, que de certa forma se “formou” em sociologia e psicanálise ao mesmo tempo. De todo modo, historicamente, fomos acompanhando uma espécie de separação entre as teorias psicológicas e sociológicas, como se não fosse possível interseccionar a invariância do humano no vértice de cada uma. Se paira alguma dúvida quanto a perdermos algo com isso, é certo que deixamos de ganhar ventilação, arejamento e contato com o mundo que nos rodeia.

Sendo o racismo um problema social com impacto e desdobramentos psicológicos, tal distanciamento faz crescer certa confusão quando conversamos sobre racismo, que se esclarece quando saímos em busca de conhecer esse campo há tanto tempo arado por uma série de pesquisadores, intelectuais e cientistas nas mais diversas áreas humanas e, principalmente, negros.

É na aproximação das teorias sociais que poderemos compreender o racismo em sua dimensão estrutural/social, institucional e individual como conceito claro, definido e específico que dissecar a existência de um sistema estruturado de produção de desigualdade através do estabelecimento de uma relação de poder onde um grupo ‘racial’ é inferior a outro e integra indissociavelmente a organização econômica e política da sociedade (Almeida, 2018; Guimarães, 1999; Munanga, 1989; Schucman, 2020a).

Lembrando aqui, que o termo ‘raça’ se pretende uma realidade biológica que põe em movimento uma das mais poderosas e destrutivas formas de categorização social, embora não se sustente cientificamente e, por isso, se constitua num simulacro, uma categoria vazia, propícia e adequada a conter tudo aquilo (de pior) que nela seja projetado (Rustin, 1991/2000). O racismo “se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2018, p.25).

Temos muitas teorias sociais e psicológicas desenvolvidas e um mútuo desinteresse em uma aproximação que amplie a compreensão. Historicamente esta aproximação é evitada, como se a contaminação de uma ciência pela outra pudesse ser danosamente irreversível e catastrófica. É essa espécie de fobia de contato já é capaz de descrever, por si, parte da dinâmica que poderia tentar compreender e aprofundar. É, portanto, sinal da resistência. Uma resistência tão forte que pretendendo ser científica se negou, por muitos anos, a levar em consideração as inúmeras produções literárias, poéticas e filosóficas, que são verdadeiros testemunhos das consequências da opressão sofrida pelos grupos de vítimas que representam, os negros. Bruehl fala que o melhor jeito de entender e dissecar os preconceitos é começar procurando entender como ele se dá, primeiramente, dentro do próprio pensamento científico. Lá sempre encontramos premissas ou concepções implícitas, que justificam, mantêm e perpetuam os preconceitos (Young-Bruehl, 1998).

Trabalhar o preconceito envolve intervir em crenças e valores há muito arraigados naquela cultura. Estão construídos e são uma espécie de depuração de muito tempo. De muitas

experiências que foram vividas ao longo do tempo e da história, se refinando.

Trabalhar o racismo é abrir um espaço de possibilidades de elaboração emocional das experiências raciais, que foram ao longo do tempo construindo uma determinada identidade, a própria noção de Eu, o que eu sou e como existo no mundo.

O contínuo viver de experiências de discriminação, impõem o desenvolvimento de uma série de defesas que recrutam tantos recursos que poderiam estar sendo usados para o desenvolvimento de autonomia e realização, mas precisam ser direcionados para o fortalecimento das defesas, em busca de melhor controlar os impulsos internos.

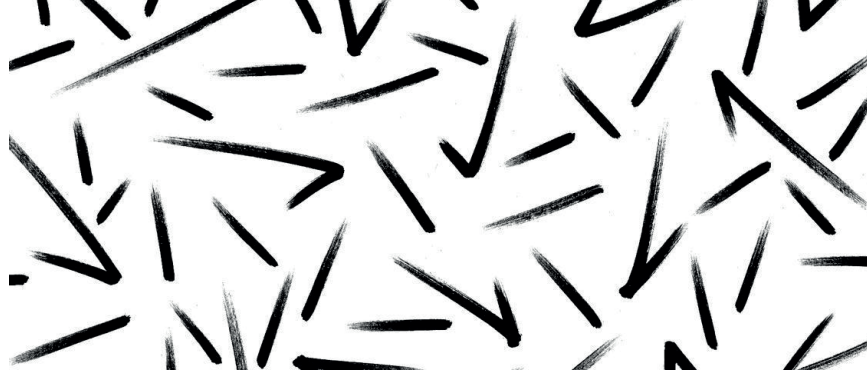
Como tornar possível o convívio proveitoso com as diferenças, de modo a poder conviver e trocar, misturar-se e, ao mesmo tempo, manter sua particularidade, para que uma possível pasteurização não seja a representação e realização da total intolerância ao convívio com o que é diferente? Quais ansiedades são mobilizadas e desembocam neste tipo de defesa?

Lia Schucman, psicóloga social, mulher, branca e principal referência, na atualidade e no país, a respeito dos estudos sobre a branquitude, aponta a ausência de pessoas negras dentro das instituições como um sinal e sintoma da falha daquela instituição em promover igualdade de oportunidades, para os distintos grupos raciais. A nós, essa reflexão exige a contextualização da história do desenvolvimento do Brasil e da Psicanálise no Brasil, a partir da possibilidade de olharmos para o nosso próprio racismo, como indivíduos e na instituição. Este trabalho mobiliza intensas e penosas ansiedades e frequentemente fracassa ao encerrar a discussão negando a existência do racismo e radicalizando a impossibilidade de permeabilidade desse sistema à introdução de novos elementos, perspectivas e pensamentos.

Observa-se um silêncio da Psicanálise em relação aos temas raciais que remonta à atitude do próprio Freud, que evitava ser associado publicamente a estes temas. Neste sentido, a Psicanálise é acusada de seguir a liderança de Freud, permanecendo em silêncio quando o tema é centralmente racial. Esse silêncio está presente em diversos níveis e podemos observá-lo rapidamente a começar pela relativa ausência de negros nas Sociedades e Institutos, mas não só aí. Podemos observar também uma ausência de negros no discurso psicanalítico, nos quadros políticos, e também, e talvez, principalmente, uma ausência de comentários sobre o assunto que reflete a falta de pensamento. Na literatura psicanalítica esse silêncio fala alto (Davids, 2011).

Essas conclusões alcançadas a partir de extensa pesquisa, por um psicanalista em Londres, ganham uma dimensão inquietante quando pensamos a partir do Brasil, um país onde pouco mais da metade da população se identifica como negra (preto e pardo) enquanto em nossas Sociedades e Institutos não encontramos a mesma diversidade presente.

Trazer o racismo para o debate e tentar, a partir daí, criar espaços de reflexão e pesquisa é uma tarefa instigante, absolutamente perturbadora e muitas vezes desgastante, mas também potencial promotora de uma integração interna e externa, com o mundo a nossa volta, nossa memória, nossa história e a compreensão do lugar onde estamos, de onde



vivemos, experimentamos, evocamos e falamos. Traz consigo a potência do conhecimento interno profundo e de re-visão de toda uma história e memória que nos ajuda a entender por que e como estamos aqui e agora, neste ponto da vida.

Quem trabalha com crianças sabe como, muitas vezes, é através das dificuldades na aprendizagem que as perturbações e impasses no desenvolvimento psíquico podem se transformar num verdadeiro pedido de ajuda, quando um observador sensível pode escutá-las. Há muitos anos atendi uma criança, na época com 9 anos e grandes dificuldades com as aulas de história. Em geral ia bem nas outras matérias, mas nesta, não avançava, não estudava, não escutava os apelos, tampouco aceitava ajuda. Sua resistência era tão forte a ponto de me procurarem para ajudá-los. A criança chegou até mim indicada por uma profissional de referência, próxima aos seus pais. Ao longo dos 10 anos que estivemos trabalhando juntos, fomos, aos poucos, compreendendo o quanto era trabalhoso e, sobretudo, penoso, pensar na sua história e na história da sua origem. Naquela época, entender, decodificar, traduzir e a partir daí, elaborar os elementos fragmentados, intensos e confusos que compunham seu mundo interno era algo traumático e doloroso, na medida em que revelavam a enorme precariedade psíquica de seu ambiente e com isso sentimentos dolorosos de medo, desamparo, raiva, entre outros que eram evitados, ao custo de não ser possível traçar uma linha de compreensão histórica de sua origem. Hoje, já uma pessoa adulta, posso dizer, sem ferir nossa ética, que o mundo ganhou uma pessoa especialmente sensível e envolvida na arte da “contação” de histórias, com gosto especial para o público infantil.

Freud (1969/1972) considerava que as inibições eram, até certo ponto, uma restrição normal de dada função do Ego que, se colocada em movimento, acarretaria grande volume de ansiedade. A libido, frente à repressão, é vivida como ansiedade.

No que tange à Psicanálise, trabalhar o racismo pode ser pensado em termos de primeira e segunda tópica freudiana. De um lado é fundamental o trabalho de conscientização, tornar consciente o inconsciente, no movimento negro chama-se a isso de letramento, ou podemos falar em colocar em movimento ações que informem a sociedade a respeito das dinâmicas raciais inconscientes, que estão implícitas numa série de situações cotidianas que promovem e mantêm o racismo. Meu ponto de vista é que esta é função que nossas instituições poderiam desempenhar junto à comunidade, como ações institucionais voltadas para fora, para ela - a comunidade. Como promover uma sensibilização sobre esses temas na esfera institucional?

Como a Psicanálise poderá abrir espaço “para dentro”, internamente, nas suas Sociedades e Institutos? De que modo seremos capazes de encorajar e incluir em nossos debates, seminários e, mesmo, relatos clínicos e desenvolvimentos teóricos, as relações raciais internalizadas, seus impactos e desdobramentos psíquicos.

A série de incidentes raciais, que acontecem a todo instante no mundo externo, produzem efeitos profundos no mundo interno. O racismo existe tanto no mundo externo quanto na mente.

Pensamento selvagem, visto como aquele momento do disruptivo, do brotar um pensamento quando ainda não há um aparelho psíquico que permita que este seja pensado, metabolizado e, quando for proveitoso, domesticado⁴ (Bion, 1997/2015).

Como todo bom sintoma, ao mesmo tempo que procura ocultar, acaba por revelar seu ponto delicado. E, repentinamente, nos vemos precisando assumir o quão difícil é considerar que, em alguns momentos, perdemos esta capacidade, que é uma das nossas ferramentas de trabalho – a articulação do significado com a palavra que o contém ou o conteúdo emocional que transborda de seu continente, levando a uma mudança catastrófica. Essa disposição se encerra quando a dor promovida pela súbita consciência de que a fruição de determinados privilégios é dependente da opressão, diminuição e mesmo extermínio de um determinado grupo racial.

O que me faz pensar no quanto o desenvolvimento teórico e técnico da Psicanálise pode estar paralisado pela impossibilidade de avançar no campo da consideração e aprofundamento da compreensão das dinâmicas inconscientes que se alimentam, implodem ou explodem a partir das relações raciais.

O modelo do racismo interno desenvolvido por Fakhry Davids (2011) a partir de uma série de evidências e experiências pessoais, clínicas e institucionais, demonstra como o uso de mecanismos racistas provoca uma culpa inconsciente que, por ser insuportável, reforça e retroalimenta sistematicamente a organização racista como um refúgio psíquico. O fracasso em enfrentar a culpa é o verdadeiro obstáculo à mudança.

O trabalho começa com a identificação dos elementos internamente mobilizados que provocam esses incidentes raciais.

A partir daqui entramos no terreno dos preconceitos, das relações raciais e do racismo interno. Nosso terreno, por definição.

⁴ Este livro “Domesticando pensamentos selvagens”, publicado recentemente por Francesca Bion é a transcrição de uma das gravações de Bion de 1977. Ele costumava gravar suas reflexões. Em 1962, Lévi-Strauss publica seu livro: *Pensamento Selvagem*. Nele, segundo Viveiros de Castro, Strauss pesquisa as estruturas universais do pensamento humano: “O pensamento selvagem não é o pensamento dos “selvagens” ou dos “primitivos” (em oposição ao “pensamento ocidental”), mas o pensamento em estado selvagem, isto é, o pensamento humano em seu livre exercício, um exercício ainda não-domesticado em vista da obtenção de um rendimento. O pensamento selvagem não se opõe ao pensamento científico como duas formas ou duas lógicas mutuamente exclusivas. Sua relação é, antes, uma relação entre gênero (o pensamento selvagem) e espécie (o pensamento científico). Ambas as formas de pensamento se utilizam dos mesmos recursos cognitivos; o que as distingue é, diz Lévi-Strauss, o nível do real ao qual eles se aplicam: o nível das propriedades sensíveis (caso do pensamento selvagem), e o nível das propriedades abstratas (caso do pensamento científico).”

Sobre a Branquitude e a Psicanálise

Donald Moss (2020), psicanalista em Nova York, assume o compromisso de problematizar a branquitude⁵. A partir do fenômeno social e da relação com dois casos clínicos, ele demonstra que a branquitude parasitária vai se estabelecendo no psiquismo, como uma espécie de potencial em estado latente, que se manifesta e se revela como um mapeamento vertical, interno e externo, como veremos a seguir. Fruto de uma situação interna, precisa ser enfrentada para que seja possível alcançar uma verdadeira reparação e para que uma nova forma de pensar seja possível.

Ele começa se perguntando em que momento a branquitude passa a colocar em movimento essa espécie de mapeamento vertical, no qual o outro é transformado em objeto pejorativo e diminuído, que passa a conter tudo aquilo que eu não suporto abrigar e evolui para uma 'branquitude parasitária'. Não mais: Eu, meu, nosso. Agora: eles, deles, outridade. Existe um caminho que precisa ser percorrido até que a branquitude parasitária alcance seu desenvolvimento pleno. E ele começa muito cedo acompanhando o próprio florescer do vir a ser psíquico desde seus primórdios (Fakhry, 2011; Moss, 2020; Rustin, 1991/2000; Suchet, 2007).

O que se passa internamente que só é capaz de se reestabelecer a partir do momento que se instala uma divisão radical nós/eles? O que se acalma e se organiza internamente com esta organização/solução de problema?

Esse mapeamento vertical garante e assegura um sentimento de pertencimento especial a um grupo seletivo que promete segurança, proteção e privilégios. Do alto, olha-se, então, para uma realidade organizada em níveis e graus de superioridade e inferioridade. Internamente, estamos falando de uma organização perversa.

Quando pequeno, Moss era uma criança tímida e tinha um grande amigo. Na verdade, o único. Este amigo tinha um problema na fenda palatina e quando chegaram os anos escolares eles foram divididos. Moss foi para a escola com as outras crianças enquanto o amigo ia para uma escola especial.

Moss vai mostrando, de modo bastante sensível em sua apresentação, como, a partir daquele momento, o mundo começou a se dividir entre nós e eles, sem que ninguém houvesse lhe orientado verbalmente para isso. Estava implícito. Essa verticalização garantia que estava entre os bons, mas sobretudo transformava a dor e o medo da separação do melhor amigo em raiva e ódio.

Daí essa verticalização rapidamente escorrega para as relações raciais que, em nossa cultura, parece lhes cair como uma luva tamanha magnitude e densidade.

⁵ O trabalho *On Having Whiteness*, de Donald Moss ganhou o prêmio Elizabeth Young-Bruehl da IPA e foi apresentado na Sociedade Britânica de Psicanálise e comentado por Sharon Numa em novembro de 2020 em encontro pela internet. A ser lançado no JAPA.



Mas, e a clínica?

Considerando que é a partir da relação e do contato íntimo com o outro que começamos a existir, pensar sobre racismo e Psicanálise clínica, é pensar sobre os momentos em que estamos contratransferencialmente, evitando e impedindo o contato com o outro. Anton Hart (2020), em seu trabalho *'Engaging diversity through being available to be moved: Radical openness to the foreign things the analyst takes in'*⁶ chama a atenção para certas qualidades da relação permanente entre o Eu e o outro. Considerando este outro não apenas como depositários das partes excindidas e intoleráveis do Eu, Anton vai além, ao propor a abertura para uma reflexão, no sentido de se pensar esse outro como aquele que revela, ao Eu, partes inconscientes de si mesmo e que leva esse eu a evadir-se. Ele afirma que o outro possui verdades sobre o Eu e que transformar o outro em um 'outro inferiorizado' é uma tentativa de impedir que essas verdades sejam transmitidas e comunicadas. Esta é uma dinâmica através da qual nos afastamos/separamos das pessoas, em qualquer dimensão identitária. O outro, enquanto outro racial, é um exemplo desta dinâmica entre tantas outras identidades (gênero, orientação sexual, classe, nível educacional, raça, etnia).

Para concluir, trago uma reflexão interessante que se deu no encontro entre todos os membros dos quatro comitês que compõem o Inter comitê da IPA sobre racismo e preconceito, com o objetivo de discutir o tema.

Na clínica, é parte natural e necessária ao nosso trabalho entrarmos em contato com fantasias inconscientes que, com frequência, envolvem desejos assassinos contra um dos pais. A partir daí as interpretações podem abordar a complexidade que envolve as tentativas, muitas vezes frustradas, do ego em administrar a contento as demandas vindas do id e do superego. Porém, para essa bola poder continua rolando por estes campos, é necessário que o próprio analista já tenha sido capaz de analisar esse assassino/assassinato interno que traz consigo, em sua novela familiar.

Será que estamos preparados para também acolher e fazer trabalhar as fantasias racistas inconscientes que se nos apresentam no dia-a-dia clínico transferencial?

Uma coisa é aceitar que somos preconceituosos, outra diferente, é nos pegarmos sendo preconceituosos em relação a uma situação com o paciente que acompanhamos ou ainda, ser o objeto do preconceito de um colega, sem poder se dar conta disso no momento em que aconteceu.

⁶ Trabalho apresentado em setembro de 2020 no encontro 'Otherness as a Psychoanalytic Subject: Race, Culture, Class and Difference in Clinical Encounter' do New Center for Psychoanalysis – Los Angeles.

Como trabalhamos com isso? Trabalhamos?

Como poderemos trabalhar em níveis diferentes: institucional, grupal e individual e ajudar a construir um mundo menos preconceituoso?

Referências bibliográficas:

Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.

Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro* (Trad. P. Sandler). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975)

Bion, W.R. (2015). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. Junqueira Filho, Trans.). Londres: Karnac Books Ltd. (Trabalho original publicado em 1997)

Castro, E. V. (2009) O pensamento em estado selvagem do pensamento científico/Entrevistadores: Cantarino, C. & Cunha, R. *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Retirado de <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=46>.

Davids, M. F. (2011). *Internal Racism: A psychoanalytic approach to race and difference*. Londres: Palgrave Macmillan.

Freud, S. (1972). Inibições, Sintomas e Angústia. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1969)

Gonçalves, A. M. (2006). *Um defeito de cor* (25a ed.). Rio de Janeiro: Record.

Guimarães, A. S. A. (1999). *Racismo e Anti-racismo no Brasil* (2a ed.). São Paulo: Editora 34.

Hart, A. (2020). *Engaging diversity through being available to be moved: Radical openness to the foreign things the analyst takes in*. Apresentado em 'Otherness as a Psychoanalytic Subject: Race, Culture, Class and Difference in Clinical Encounter' do New Center for Psychoanalysis em Setembro de 2020. Trabalho não publicado.

Lévi-Strauss, C. (1989). *O pensamento selvagem* (T. Pellegrini, Trans.). São Paulo: Papyrus. (Trabalho original publicado em 1962)

Marchon, P. (2012). Freud e a criação da Psicanálise. In P. Marchon (Ed.), *A Psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil* (pp. 27–57). São Paulo: Fundação Miguel Cervantes.

Moss, D. (2020). *On Having Whiteness*. Apresentado na Applied Section Committee da The British Psychoanalytical Society em 11 de novembro de 2020. Trabalho não publicado.

Munanga, L. (1998). Teorias sobre o racismo. In *Racismo: Perspectivas Para Um Estudo Contextualizado Da Sociedade Brasileira*. Niterói: Editora Da Universidade Federal Fluminense.

Rasmussen, B. & Salhani, D., (2010). A Contemporary Kleinian Contribution to Understanding Racism. *Social Service Review*, 84(3), 491–513. <https://doi.org/10.1086/656401>

Rustin, M. (Ed.). (2000). *A Boa Sociedade e o Mundo Interno: Psicanálise, Política e Cultura* (E. Neves & T. Zalberg, Trans.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991)

Schucman, L. V., (2020a). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo* (2a ed.). São Paulo: Veneta.

Schucman, L. V., & Gonçalves, M. M. (2020b). Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(spe), 109–123. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v72nspe/09.pdf>

Suchet, M. (2007). Unraveling Whiteness. *Psychoanalytic Dialogues*. 17(6), 867–886. <https://doi.org/10.1080/10481880701703730>

Young-Bruehl, E. (1998). *The Anatomy of Prejudices*. Massachusetts: Harvard University Press.

Experiências de Ações Afirmativas

O *Jornal de Psicanálise*, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, editado por Berta Azevedo e equipe, no volume 54, número 101, julho e dezembro, 2021, publicou extensas entrevistas sobre as experiências de ações afirmativas da SBPRJ e da SBPdePA. Assim como o Observatório Psicanalítico da Febrapsi publicou vários ensaios acerca da temática racismo e psicanálise.

Ao periódico da SBPSP, a experiência de Porto Alegre foi relatada por Ane Marlise Port Rodrigues, presidente da Sociedade, e Eliane G. F. Nogueira, coordenadora do Projeto Ubuntu e a do Rio de Janeiro por Lúcia Maria de Almeida Palazzo, Presidente, Wania Maria C. F. Cidade Coordenadora da Comissão de estudos críticos sobre relações raciais e pensamento afrodiaspórico – descolonização do pensamento, e Ruth Lerner Froimtchuk, Coordenadora da Comissão de Seleção do Instituto de Formação.¹

¹ A entrevista acerca da SBPdePA encontra-se no link <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v54n101/v54n101a15.pdf> e da SBPRJ em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v54n101/v54n101a14.pdf>

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre: o projeto *Ubuntu*¹



Ane Marlise Port Rodrigues²

Membro Titular com Função Didática da SBPdePA

Era 18 de julho de 2020, em plena pandemia do Covid 19, com nossa sede fechada desde março de 2020. Nesse dia, tivemos a atividade científica “Racismo: o demoníaco estrangeiro que nos habita”, com Ignácio Paim Filho (membro titular e com função didática na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), Rafaela Degani (membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA) e (professora da Unisinos/RS). Tivemos, naquela manhã de sábado, o impacto de um *acontecimento* no sentido de Badiou.³ Algo inesperado e imprevisível nos impactou, encontrando em vários colegas e na Diretoria da SBPdePA um espaço interno de desconforto e abertura a algo novo.

Nosso colega Ignácio Paim Filho perguntava até quando ele seria o negro único em nossa instituição. Referia-se não somente ao racismo estrutural arraigado na estrutura social brasileira, mas também ao racismo institucional presente em nossas instituições de psicanálise

e, especificamente, na SBPdePA.

A partir desse momento, a Diretoria da SBPdePA convocou algumas reuniões gerais (de toda a membresia) para a discussão da temática do racismo institucional e o que faríamos a esse respeito. Também foi criado, em setembro de 2020, a partir dos membros, o Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade, trazendo vários convidados negros e negras palestrando sobre essa temática.

A convocação desde dentro pelo colega Ignácio, acrescida do reconhecimento de que o racismo exclui o acesso de negros e negras à formação analítica, possibilitou um espaço crescente de consciência e sensibilização sobre essa questão. As cotas nas universidades públicas possibilitaram que se formassem em maior número profissionais negros e negras das áreas de psicologia e da medicina e nas demais faculdades. Mas uma formação analítica se torna, para a grande maioria de profissionais

¹ Informações adicionais acerca da experiência da SBPdePA estão nos textos de Eliane Nogueira- psicanalista da SBPdePA e coordenadora da Comissão UBUNTU publicados no Observatório Psicanalítico da Febrapsi e no sítio eletrônico da Fepal e em outro da Ane Marlise citados abaixo:

NOGUEIRA, E. UBUNTU – Eu sou porque nós somos: Projeto de acessibilidade a negros e negras à formação analítica na SBPdePA. Observatório Psicanalítico – OP 248/2021. Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi). [<https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-op-248-2021/>]

NOGUEIRA, E. *Projeto de acessibilidade de negros e negras à formação analítica no instituto de psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*. Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal). [<http://www.fepal.org/sbpdepa-projeto-ubuntu/>]

Rodrigues, A.M.P. (2021) Racismo e ruptura do silêncio institucional, Revista da SBPdePA, Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise.23 (1), 50-60.

² Psicanalista; Psicanalista de Crianças e Adolescentes pela IPA; Diretora do Instituto de Psicanálise da SBPdePA - Gestão 2018/2019; Presidente da SBPdePA – Gestão 2020/2021)

³ BADIOU, A. (con Fabien Tarby). *La filosofía y el acontecimiento: con una breve introducción a la filosofía de Alain Badiou*. Buenos Aires: Amorrortu, 2013.



negros e negras, impossível devido a seu alto custo financeiro.

Em assembleia, foi acrescentado no Projeto um *parágrafo único*, incluindo indígenas quanto à acessibilidade para a formação analítica. Foi criada uma força tarefa em 11 de agosto de 2020 (referendada em Assembleia Geral Ordinária de 15 de outubro de 2020), constituída pelos colegas Astrid Ribeiro, Beatriz Behs, César Antunes, Ignácio Paim Filho, Lisiane Cervo, Vera Hartmann e Eliane Nogueira (coordenadora), com o propósito de criar um projeto de acessibilidade de negros e negras à formação analítica no Instituto de Psicanálise da SBPdePA.

Esse projeto, fruto de muita dedicação, estudo e comprometimento da força tarefa, foi aprovado em Assembleia Geral Ordinária de 27 de abril de 2021, com seguimento nas Assembleias de 08 e 15 de junho de 2021. O projeto foi batizado de *Projeto Ubuntu* (filosofia africana que trata das alianças entre as pessoas; a coletividade de “Eu sou porque somos”) e a força tarefa é extinguida, sendo criada a *Comissão Ubuntu* que se encarrega da implementação do *Projeto Ubuntu* na SBPdePA, em conjunto com a Diretoria e o Instituto de Psicanálise.

Será destinada uma percentagem do valor arrecadado em cursos para a comunidade, em atividades científicas e a mensalidade será gratuita por 5 anos. Pensamos que uma ação conjunta da SBPdePA e a sociedade civil a partir das doações possa arrecadar os valores necessários para a oferta das Bolsas Formação. O valor mensal da Bolsa Formação pretende que o selecionado pague sua análise, mesmo considerando que o valor da sessão seja um valor menor do que o habitualmente cobrado pelo analista. Será feita uma lista dos analistas com funções didáticas que pretendem participar do *Projeto Ubuntu* tanto para análise, quanto para supervisão de casos clínicos.

A partir do momento em que o fundo financeiro tenha arrecadado o suficiente para começar a oferecer pelo menos uma a duas Bolsas Formação, serão abertas as inscrições dos postulantes. A divulgação se dará inicialmente junto às faculdades de psicologia e de medicina.

Sobre a Realização do Projeto Social/Racial para a Formação de Psicanalistas do Instituto da SBPRJ

Miguel Sayad

Vice-presidente da SBPRJ



*Na praia do mar de mundos sem fim,
crianças brincam
(Tagore, in Winnicott)*

*O morto ressuscitou
Levantado do Chão
Levantaram a tampa.
Abriu-se uma brecha. Vamos, vamos entrar
pelas frestas, pelas falhas. (onde brotam as ervas
daninhas).
Freud, de mau humor, ainda assim há linguagem,
as palavras, as palavras falam, os ouvidos ouvem
(não olvidos). Ouvem e a fala fica, pois bem,
Freud disse que a Psicanálise levava a peste.
Que tipo de artista você é?
Que tipo de psicanalista você é?
Podemos dizer que a Aurora do Esquecimento é o
surgimento da Luz?
Estamos a meio de um percurso que chegará ao
fim.
O lance, os lances iniciais estão lançados. O
pensamento psicanalítico encarnou-se em ação
transformadora.
Freud afirmou que pensamento é ação. Podemos,
talvez, dizer que a Psicanálise realiza ou se é, é
realização?*

Nós, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do RJ, realizamos um ato psicanalítico. Sua história está muito bem contada por sua maior responsável ou aquela que encarna esta responsabilidade,

nossa presidente Lúcia Palazzo, na entrevista, a fresta entre vista, ali no espaço vazio à nossa frente, lá no Jornal de Psicanálise da Sociedade de São Paulo.

É para aí que nos movemos enquanto psicanalistas. Há um Espaço Vazio à nossa frente a ser, inexoravelmente, preenchido. O poder estabelecido tende a preenchê-lo via Compulsão à Repetição; a Psicanálise, em contraponto, desconstrói esta estrutura, enfrenta sua força e resistência, e de sua dissolução, daquilo que se dissolve, vem boa parte da energia (libidinal) que vai amparar o Ser, ser si mesmo, e como tal agir.

É interessante notar que este é o sentido de uma obra de arte, uma Escultura Social.

Juntos, colhendo pensamentos e ideias, passageiras ou insistentes, realizamos, demos início a um processo de uma Escultura Social. Seria maravilhoso, da ordem ou desordem do maravilhoso, se esta obra, esta Escultura Social for compartilhada entre as nações.

É evidente que o racismo, o preconceito ativo, a exclusão do estrangeiro e do estranho, a pureza de raça, são sintomas maiores ou menores entre os grupos humanos, mas a humanidade pode melhorar sim!

É a nossa visão, o ponto de vista e as palavras

faladas e as ações realizadas que transformam e reparam o mundo e sua atmosfera que nos envolve.

Todos nós conhecemos a beleza da obra de Edward Said e Daniel Barenboim: a Orquestra Divan, uma Escultura Social, musical.

Amor Ódio e Reparação é a via habitual de reencontro com o bem viver, a alegria de viver e realizar: ser quem se é.

Pois bem, estamos no meio do caminho, ao final do primeiro ato, no início de um novo percurso do ano 2022. Bom número, lembrem-se do Expresso 2222 que parte da Central do Brasil para depois?

O Ato Psicanalítico acolhe a Turbulência Emocional e a encara como uma realização, uma expressão de um pensamento (que não pode ser pensado). Um pensamento que se pensa, se constitui pensando em si mesmo e no outro, nesse espaço entre os dois.

Esta turbulência emocional, ou qualquer outra experiência emocional, se acolhida abre espaço, dá lugar, para o desenvolvimento do pensar e da criatividade de ambos, se forem capazes de elaborar o luto e a frustração narcísica da perda da ilusão de compreender e, sem se dar conta, doutrinar.

Há bastante tempo venho sendo acompanhado quase como um mantra por esse pensamento: “como tornar proveitoso um mau negócio”.

Aqui, com muita satisfação, estamos divulgando um testemunho, testemunho participante, neste caso: a primeira turma subsidiada em acordo com o sistema de quotas criado pela SBPRJ, terminou o seu primeiro semestre. É lançado o edital de inscrição para a próxima turma de 2022, e aqui está feito um convite: vamos compartilhar, vamos brincar e criar uma rede criativa, uma enorme ou muitas e muitas Esculturas Sociais? Intercâmbios intersocietários cruzando o mundo inteiro: novas navegações eróticas! Vamos tentar expandir a Psicanálise, aquela do amor, ódio e reparação, aquela que tal como ervas daninhas espalha-se pelas frestas e falhas do solo ressecado e dos pisos resistentes de pedra e concreto.

Seria isso uma Aurora do Esquecimento, The Down of The Oblivion?

Rio, 22 Março 2022.

Aqui citou-se ou esteve com presença forte nas ideias do texto, em ordem de chegada: Tagore, D.Winnicott, Robert Becker, José Saramago, Teresa Rocha, S. Freud, Joseph Beuys, W.Bion, Arnaldo Chuster, Edward Said, Daniel Barenboim, M. Klein, Gilberto Gil, Primo Levi

As experiências de Institutos de Psicanálise na formação de “leigos”

Sobre análise leiga: SBPSP - Instituto Durval Marcondes

Dora Tognolli

Diretora do Instituto Durval Marcondes da
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo



A questão da “análise leiga”, assim como tomada por Freud, no texto de 1926 (leigos, na época de Freud, não médicos, e com o passar do tempo, não psicólogos também; e quando o texto tocar nessa expressão, terá esse sentido), esteve na genealogia da SBPSP – pioneira do movimento de entrada da Psicanálise no Brasil, e a única a aceitar, desde sua fundação, em 1951, profissionais não médicos em seus quadros – vide Virginia Leone Bicudo e Lygia Amaral, mulheres não - médicas, marcantes na constituição de nossa sociedade. Contam os relatos que até meados de 1980 essa posição se manteve, abalada em algumas gestões, que se desviaram dessa origem.

Reproduzo aqui um trecho do livro História da Psicanálise em São Paulo (Oliveira, 2005):

Nossa hipótese fundamental era a de que a psicanálise foi implantada em território paulista menos como um saber sobre a loucura do que como um discurso capaz de trazer respostas às diferentes práticas sociais. Ao logo do trabalho de pesquisa, duas particularidades, no entanto, se apresentaram e permaneceram como questões de fundo. A primeira: até a metade dos anos 1980, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo era a única instituição psicanalítica ipeísta a aceitar não

- médicos entre os seus membros, fato que lhe valeu uma imagem de instituição mais “aberta” em relação às outras Sociedades ipeístas. A segunda era a mais surpreendente: a SBPSP nunca conheceu cisões ou rupturas, o que é muito raro na história do movimento psicanalítico local e internacional, sempre atravessado por crises, rupturas, cisões de uma violência extraordinária. (p. 22-23)

A opção institucional de manter a configuração original, ou seja, admitir candidatos não médicos e não psicólogos para o ingresso na formação, traz questões que se atualizam a cada gestão, e perpassam todas as etapas da formação e da vida institucional.

Numa instituição grande como a nossa, que abriga mais de 860 membros, dentre os quais mais de 360 Membros Filiados (candidatos), a opção por manter a análise leiga vigente não significa um consenso claro, entre todo grupo societário. Vale frisar que a cada ano, a cada novo processo seletivo que se inicia, voltam ao debate as implicações que essa opção acarreta. Debate sempre interessante e apaixonado, uma vez que nos motiva a revisitar os pactos que assumimos, enquanto grupo, e sua conversa com os diversos contextos políticos e históricos que interferem na procura da Instituição e na

formação propriamente dita.

De certa forma, podemos concluir que admitir leigos faz sentido para grande parte dos membros que compõem a Instituição, essa posição traz abertura, arejamento, convívio entre os diferentes e mostra-se totalmente coerente com o ofício do psicanalista, ancorado num desejo, trabalhado numa moldura ética institucional, que vai se constituindo durante o processo de formação, e que, muitas vezes não guarda relação estreita com a profissão de origem (médico, psicólogo, ou qualquer outra).

O tema toca diretamente na seleção, ou seja, nos critérios de admissão dos novos, e na práxis clínica, uma vez que alguns Membros Filiados que ingressam não chegam com uma experiência clínica significativa.

A partir do momento em que as informações operam em redes possantes de comunicação, o que inclui o site da SBPSP, que se moderniza e atualiza para atender a demandas do contexto cultural e social, passamos a receber inúmeras solicitações que nos convocam a explicitar quem somos, como funcionamos, quem pode entrar, como permanecer em formação. Notamos que diversas pessoas que visitam nosso site e se interessam pela proposta de formação, encontram-se muito distantes da demanda que consideramos fundamental e necessária, para sustentar um processo de formação longo, oneroso e complexo. Por exemplo, algumas pessoas perguntam: vocês aceitam não- médicos, não- psicólogos? A resposta afirmativa pode soar como uma abertura maior do que na realidade o é. Sim, mas ... temos critérios. E esses critérios nem sempre ficam tão claros, num mundo acelerado, hiperconectado e apressado, que pressiona por respostas binárias (sim, não) e simplistas.

Procuramos dar atenção ética e respeitosa a quem nos procura, através de um membro da Diretoria do Instituto, que se dedica a responder questões que demandam maior atenção. Assim, muitos interessados descobrem que se encontram distantes do que a formação requer; outros, podem confirmar que o caminho é a inscrição e se inscrevem no processo de seleção.

Mais recentemente, temos recebido grande contingente de interessados ditos leigos, que se inscrevem na seleção. A Comissão de Seleção, há algumas gestões, vem praticando um método, discutido junto à Diretoria do Instituto e Comissão de Ensino, que nos tem agradado até o momento.

Os candidatos leigos, antes de participarem das entrevistas que compõem o processo seletivo, passam por uma avaliação de currículo na Comissão de Ensino (composta por 21 integrantes, dentre os quais figuram sete membros da Diretoria do Instituto), que se debruçam sobre cada candidato e discutem o sentido de sua demanda. Se houver consenso, os candidatos aprovados passam para a fase das entrevistas, e a seleção segue seu rumo. No caso dos não aprovados, estes recebem uma carta comunicando que não foram aceitos no processo.

Dentro do grupo aqui chamado leigos, vamos nos deparar com perfis diversos, desde a formação de base (economistas, engenheiros, enfermeiros, advogados, publicitários, cientistas

sociais, professores de ensino superior de diversas áreas, como Letras, Antropologia etc.), experiência clínica, formações em Psicanálise em instituições outras (cursos de especialização, grupos de estudos). O que deixa claro a diversidade que o termo leigo pode abarcar, e que nos convida a avaliar cada situação em suas peculiaridades.

Na última seleção, 26 leigos se inscreveram, 17 não foram aceitos, 9 seguiram para o processo de seleção *tout court* e 5 foram aprovados para iniciar a formação. Mais que um dado numérico, o exemplo que ilustra o tema nos conta de um processo seletivo trabalhoso, cuidadoso, dedicado, e compartilhado institucionalmente.

Na Comissão de Ensino, quando nos debruçamos sobre os currículos dos ditos leigos, procuramos estar atentos às dimensões subjetivas de cada situação, que se sustenta antes mesmo da procura pela formação, nas escolhas, nas singularidades, na dimensão do interesse genuíno pelo humano, pelo desejo inconsciente, pela escuta, e pelo instrumental que a Psicanálise oferece para lidar com o sofrimento psíquico, que pode se ancorar na metapsicologia em cada devir. Tarefa delicada e necessária que antecede a formação.

Ingressar no instituto é o primeiro passo de uma longa jornada. Cabe à instituição, e em particular à Diretoria do Instituto e à Comissão de Ensino, abrir espaço para reflexões, repensar o tempo todo as práticas de transmissão, funcionar como um caixa de ressonâncias que acompanha cada Membro Filiado em seu trajeto.

No caso específico dos leigos, em geral mais distantes das práticas clínicas, além do tripé que norteia a formação, a moldura institucional, a inserção em seminários clínicos, a busca de supervisões onde se discutirá os modelos e as questões suscitadas pelo encontro transferencial, pode operar como sustentação de um trabalho que nos interroga o tempo todo.

A construção da clínica, espaço de trabalho de cada um, o que inclui os leigos, mas todos os membros filiados também, tem sido um tema entre nós. Questões como: como lidar com o início das supervisões? Por que esse início é postergado: resistências, dificuldades econômicas, falta de pacientes? Por que as formações acabam se prolongando tanto? Quais as dificuldades no percurso? Esse questionamento faz parte das reflexões da Diretoria do Instituto, e se reapresenta o tempo todo.

Acompanhar a transmissão, acolher as angústias que o trabalho clínico acirra, promover espaços éticos de diálogo, tem sido um ponto de reflexão constante, que envolve todo o grupo de membros filiados, leigos ou não, e nós.

Referências bibliográficas:

Freud, S. (1926). A questão da análise leiga, in *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

Oliveira, Carmen M. V. *História da Psicanálise - São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta, 2005.



A experiência da SPBsb e do Instituto de Psicanálise VLB na seleção e formação dos analistas não médicos e não psicólogos¹

Lúcia Eugênia Velloso Passarinho

Presidente da Sociedade de Psicanálise de Brasília
(Gestão 2021-2022)

Historicamente, a psicanálise foi implantada por intermédio da psiquiatria, sendo no passado, em muitos países, como os EUA, essencialmente praticada por homens e mulheres de formação médica. À medida em que a medicina ia sendo reconhecida como ciência, crescia a necessidade de se distinguir e regulamentar as atividades terapêuticas. A psiquiatria, cada vez mais racional em suas classificações, se distanciava fortemente da escuta e do olhar psicanalítico. Embora Freud tenha vindo da neurologia e da fisiologia, construiu a sua disciplina como um ramo da psicologia, restituindo o poder da fala e da cura ao sujeito.

Portanto, a psicanálise passa cada vez mais a ser vista com maus olhos pelos defensores da autoridade médica. Freud resistia à idéia da regulamentação da psicanálise que passaria, necessariamente, pelo seu ensino nas universidades. Ele considerava que apenas aqueles que foram analisados poderiam ensinar e exercer a psicanálise. Paralelamente, a medicina científica promovia uma caça aos “charlatões” e a psicanálise tonou-se o alvo preferido. Na ocasião, Freud encaminhou para Theodor Reik um paciente médico. Ocorreu que o analisando se voltou contra o seu analista

e o processou por exercício ilegal da medicina. Freud lutou muito pelo seu discípulo, mas Reik foi proibido de exercer a psicanálise, sua única fonte de renda. A proibição ameaçava, sobretudo, as analistas mulheres, que em sua maioria não possuíam curso superior. Freud e seus aliados diziam que a riqueza do movimento psicanalítico se devia muito à diversidade de seus seguidores, que dominavam os mais variados campos do saber. Por fim, Reik foi liberado para exercer a psicanálise em Viena, mas por ser judeu, teve que emigrar para os EUA, onde à época a psicanálise era exercida apenas por médicos.

Ironicamente, a luta que os freudianos tiveram de travar para manter a integridade do saber psicanalítico foi proporcionalmente muito maior que as resistências provocadas pela teoria da sexualidade e a análise infantil. Freud foi um defensor ferrenho da chamada análise leiga ou profana. Segundo Rodinesco (1997), em Dicionário de Psicanálise, os adjetivos leigo ou profano dizem respeito ao fato de que na ótica Freudiana, a psicanálise é uma prática autônoma, laica e distinta de qualquer outra ciência. O termo não se refere àquele que a pratica, mas à psicanálise em si

¹ Texto apresentado no apresentado na reunião do Conselho Profissional da Febrapsi, no dia 20/11, coordenada pelo Diretor Carlos Frausino. Versão do trabalho foi publicada no *Observatório Psicanalítico da Febrapsi*, número 281/2021, com o título *Psicanálise leiga*.
[<https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-op-281-2021/>].

mesma. A psicanálise é leiga no sentido de que obedece à lei da estrutura do inconsciente, ou seja, leiga no sentido de atributo ético que não coincide com nenhuma outra definição de categoria profissional. Leigos somos todos nós, psicanalistas que nos aventuramos a buscar os sentidos do inconsciente e assim sustentar a nossa formação institucional.

Em 1926, Freud escreveu seu conhecido texto “A Questão da Análise Leiga. Conversa com uma pessoa imparcial”, onde ele reafirma que a psicanálise é uma ciência laica, autônoma, com pressupostos éticos, formativos e epistemológicos próprios. Nesse sentido, enfatiza que a formação do psicanalista não depende da formação profissional do candidato, mas sim do seu percurso em uma instituição psicanalítica, alinhada às regras de formação ditadas pela IPA, e, sobretudo, da sua análise pessoal e do aproveitamento nas supervisões.

A partir de 1945, com o desenvolvimento da Psicologia, a Psicanálise ganhou novos adeptos, passando em grande parte a ser praticada por psicoterapeutas treinados nas universidades. Segundo Rodinesco, “depois de ter sido engolida pela psiquiatria, a psicanálise corria o risco de ser tragada pela psicologia e suas diferentes correntes psicoterápicas”. Houve, então, uma enérgica reação das instituições psicanalíticas, que chamaram para si a responsabilidade e a capacidade de definir os critérios da formação psicanalítica, baseados na análise didática e supervisão.

A Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) tem como fundadora a Professora Virgínia Leone Bicudo. Primeira mulher negra, não médica e não psicóloga a tornar-se psicanalista. Dessa forma, temos o DNA da diversidade e, assim como Freud, acreditamos que a psicanálise não é prerrogativa de nenhum curso preliminar, mas de uma experiência que se forma a partir do desejo do analista e de seu reconhecimento pelos pares.

As sociedades de São Paulo e Brasília, desde a sua criação, aceitaram psicólogos e pessoas de outras áreas para a formação psicanalítica, o que aconteceu mais tardiamente nas outras sociedades federadas.

No Regulamento do nosso Instituto, em relação à seleção de pretendentes à formação em psicanálise, consta em seu artigo 30 que o pretendente à formação psicanalítica deverá ser, preferencialmente, graduado em medicina ou psicologia.

Esse artigo possui dois parágrafos:

1º. A aceitação da inscrição de pretendentes graduados em outras áreas ficará a critério da Comissão de Ensino.

2º. Aprovado na seleção, o pretendente mesmo graduado em medicina e psicologia, mas que não tenha experiência em clínica ou instituição de saúde mental, será, obrigatoriamente, que fazer um estágio psiquiátrico por um período mínimo de 250 horas.

Para atender a essa exigência institucional, a SPBsb fez uma parceria com a Clínica Psiquiátrica Ananke, para disponibilizar estágio supervisionado. Esse estágio deve anteceder o início dos seminários teórico- clínicos.

Entre os documentos pedidos na inscrição dos pretendentes, destaco a autobiografia, onde

o avaliador pode ter um conhecimento prévio do candidato. A avaliação é feita por comissões de seleção, constituídas por três analistas ligados ao Corpo Docente, sendo dois professores titulares, um dos quais analista didata, e um professor assistente. As entrevistas são realizadas individualmente. É fundamental investigar qual a verdadeira motivação envolvida na busca da formação. Outro aspecto relevante é perceber como é a experiência de análise pessoal do candidato. Importante verificar se a pessoa está ciente de que deverá começar a análise didática com o analista didata da SPBsb.

Em minha experiência como membro da comissão de avaliação, muitas vezes percebo a surpresa e desapontamento quando abordo essa questão. Não são poucos os que acreditavam que a sua análise poderia ser considerada como didática. Deve-se também procurar esclarecer sobre o processo de formação, custos, disponibilidade de tempo, etc. Obviamente, tentar captar como está o momento emocional do candidato e a disponibilidade para o investimento, tanto emocional como financeiro.

A diretoria da SPBsb tem discutido a importância de se aprimorar o método de seleção. Pensamos na necessidade de rediscutir e definir critérios relacionados ao perfil de nossos candidatos, buscando maior clareza e transparência no processo seletivo, com critérios definidos que precisam ser cada vez mais repensados, tendo em vista, sempre, o mundo interno, os seus aspectos intra e intersubjetivo, bem como o profundo respeito à tradição e à história do movimento psicanalítico.

Selecionar pretendentes para a formação em psicanálise, sejam eles de outras áreas de formação, ou mesmo psicólogos ou médicos, é um exercício que requer do entrevistador abster-se de quaisquer estereótipos ou preconceitos relacionados às diversas atividades profissionais, classe social, religião, idade, sexo, raça, cor, etnia ou procedência.

Em relação ao parecer, se ele for positivo para o mínimo de dois dos três membros da comissão, o pretendente será aprovado ou recomendado com dúvidas, deixando que se confirmem os acertos ou erros no período posterior, durante a formação, considerando que as condições – a ponto central para aceitar ou não um pretendente à formação analítica – constituem aspecto a ser desenvolvido durante a formação.

Importante ressaltar que o pretendente continuará a ser avaliado durante todo período de formação e terá o seu tempo próprio do vir a ser psicanalista. Tempo que não pode ser contabilizado em dias, meses, ou anos, mas sim o tempo da experiência individual e particular de cada um, vivenciado na experiência de análise pessoal.

O pretendente recusado terá, se assim o desejar, uma entrevista devolutiva conduzida por um dos membros da comissão que o avaliou, podendo recorrer a uma outra seleção, transcorrido um período mínimo de dois anos. O pretendente selecionado terá o prazo de dois anos para iniciar sua análise didática e após um ano de análise didática poderá se matricular no curso teórico-clínico.

O número mínimo de pretendentes selecionados para a abertura de uma nova turma do



curso teórico-clínico é de seis, e as seleções são realizadas, em média, de dois em dois anos. Nosso Curso de Formação se fundamenta no conhecido tripé, calcado no modelo Eitingon:

- 1) Análise Didática;
- 2) Seminários Teóricos e Clínicos;
- 3) Supervisões Clínicas

A análise didática será feita por um período mínimo de cinco anos, com frequência de três a cinco sessões semanais, com duração de 45 a 50 minutos. Ela deverá se estender, no mínimo, até o término dos seminários teóricos e clínicos e da primeira supervisão oficial, mesmo tendo sido completado o período de cinco anos.

Os pacientes para supervisão deverão ser adultos, atendidos com frequência mínima de três sessões semanais, em diferentes dias da semana.

A SPBBsb possui um Centro de Atendimento em Psicanálise e Pesquisa (CENAPP) que atende à comunidade. O candidato pode se inscrever no CENAPP a partir do segundo ano do curso teórico.

A avaliação das supervisões oficiais é feita pelo supervisor, que encaminha seu parecer à Comissão de Ensino. Os relatórios das supervisões são avaliados por uma comissão de três professores titulares, um dos quais com a função didática, designada pela Comissão de Ensino, mediante sorteio.

Durante a formação, de acordo com o artigo 56 do regulamento do Instituto, o candidato pode ser afastado provisoriamente ou desligado definitivamente pela Comissão de Ensino, homologando decisão tomada pelo Corpo Docente, por maioria simples de seus membros, quando for considerado sem as condições éticas, emocionais, de personalidade ou de aproveitamento no curso teórico-clínico e nas supervisões oficiais.

A experiência dos professores do Instituto revela que não há diferença no aproveitamento dos seminários teóricos ou clínicos entre os colegas que não são médicos ou psicólogos.

O percurso do vir a ser psicanalista e a formação da identidade do psicanalista é uma construção que acontece a partir do momento em que se inicia a análise pessoal. Afinal, como bem disse Freud em 1926, a análise pessoal é a condição essencial para se exercer a psicanálise. É na análise pessoal que pode ou não estar nascendo um psicanalista. Mas, como sabemos, esse é um caminho interminável.

Mercantilização da Psicanálise e o Movimento Articulação

Documentos do Movimento Articulação

Manifesto Articulação - 2022

Nós, do **Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras**, que reúne há mais de 20 anos instituições que tem como ponto central sustentar a psicanálise como prática leiga e laica, manifestamos nossa preocupação com a divulgação recente de um curso de Psicanálise oferecido pela Uninter, em nível de graduação e com titulação de Bacharelado. A proposta de tal curso diverge de princípios básicos da formação do psicanalista, que deve ser sempre singular e permanente, com um investimento contínuo que não se restringe aos moldes acadêmicos e a determinada grade curricular. Reduzir a formação analítica ao conhecimento de teorias e técnicas, prometendo que em 4 anos, cumprindo determinados quesitos, todos estejam aptos para a prática psicanalítica, contradiz o conceito de ensino e transmissão na Psicanálise.

A formação em Psicanálise decorrente da análise pessoal, da leitura crítica da teoria e das reflexões clínicas, se dá sempre de modo singular, não cabendo em programas fixos e comuns para todos, em um tempo pré-determinado. A oferta desse curso desconsidera essa especificidade da formação do psicanalista e negligência a formação do psicanalista praticada há mais de 100 anos, em todo o mundo.

O campo da Psicanálise, assim como o **Movimento Articulação**, é caracterizado pela diversidade, fato que comemoramos, tendo como ponto em comum conceitos psicanalíticos de base que delimitam o campo, entre eles, a singularidade no processo de formação, que se dá um a um e que possibilita estabelecer com o saber um modo de relação que diverge daquele propiciado pela transmissão efetuada nos moldes acadêmicos.

Desse modo vimos a público alertar quanto à falta de rigor verificada na proposta desse Bacharelado, repudiada por todos os abaixo assinados

9 de dezembro de 2021

Subscrevem pela Articulação:

1. ALEPH Escola de Psicanálise – Belo Horizonte, MG
2. Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA
3. Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre
4. Círculo Brasileiro de Psicanálise - CPB
5. Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP- RJ
6. Círculo Psicanalítico da Bahia - CPB
7. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais - CPMG
8. Círculo Psicanalítico de Pernambuco - CPP
9. Círculo Psicanalítico de Sergipe - CPS
10. Círculo Psicanalítico do Pará - CPPA
11. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro – CPRJ
12. Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul - CPRS
13. Corpo Freudiano do Rio de Janeiro – Escola de Psicanálise
14. Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - SP
15. Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - SP
16. Escola Brasileira de Psicanálise/EBP Escola do Campo Freudiano
17. Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL – Brasil)
18. Escola Lacaniana de Psicanálise - Rio de Janeiro
19. Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória
20. Escola Letra Freudiana – Rio de Janeiro
21. Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos - EBEP– Rio
22. Espaço Oficina de Psicanálise (Rio)
23. IPB - Intersecção Psicanalítica do Brasil
24. Laço Analítico/Escola de Psicanálise - LAEP
25. Maiêutica Florianópolis Instituição Psicanalítica
26. Praxis Lacaniana/Formação em Escola
27. Sigmund Freud Associação Psicanalítica
28. Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro
29. Tempo Freudiano Associação Psicanalítica – Rio de Janeiro
30. Federação Brasileira de Psicanálise - Febrapsi

31. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP
32. Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - SPRJ
33. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ
34. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas - SBPCampinas
35. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre - SPPA
36. Sociedade Psicanalítica de Recife - SPRPE
37. Sociedade Psicanalítica de Pelotas - SPPel
38. Sociedade de Psicanálise de Brasília - SPBsb
39. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre - SBPdePA
40. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Riberirão Preto - SBPRP
41. Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul - SPMS
42. Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFor
43. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais - SBPMG
44. Associação Psicanalítica do Rio de Janeiro - APERJ
45. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia - SBPG
46. Grupo Psicanalítico de Curitiba – GPC
47. Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região – GEP Rio Preto e Região
48. Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina – GEP-SC
49. ABC – Associação Brasileira de Candidatos (Febrapsi)

Apoiam:

1. Analyse Freudienne - Paris
2. Après Coup Porto Alegre Psicanálise e Poesia
3. Après-Coup Psychoanalytic Association – Nova York
4. Associação de Psicanálise de Campinas – SP
5. Associação Psicanalítica de Curitiba - APC
6. Associação do Movimento Psicanalítico Sul Catarinense
7. ATO Escola de Psicanálise – Belo Horizonte – MG
8. Campo Psicanalítico de Salvador - Bahia
9. Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo
10. Círculo Psicoanalítico Freudiano
11. Coletivo Psi-social - Curitiba
12. College of Psychoanalysts – Londres – Reino Unido
13. Corpo Freudiano Núcleo Barra Mansa
14. Corpo Freudiano Núcleo Boston
15. Corpo Freudiano Núcleo Brasília
16. Corpo Freudiano Núcleo Dourados
17. Corpo Freudiano Núcleo João Pessoa
18. Corpo Freudiano Núcleo Macaé
19. Corpo Freudiano Núcleo Nova Friburgo
20. Corpo Freudiano Núcleo Porto Alegre
21. Corpo Freudiano Núcleo São Paulo
22. Corpo Freudiano Núcleo Teresina
23. Corpo Freudiano Núcleo Teresópolis

24. Corpo Freudiano Núcleo Vassouras
25. Corpo Freudiano Seção Belém
26. Corpo Freudiano Seção Campos Dos Goytacazes
27. Corpo Freudiano Seção Cuiabá
28. Corpo Freudiano Seção Fortaleza
29. Corpo Freudiano Seção Goiânia
30. Corpo Freudiano Seção Imperatriz
31. Corpo Freudiano Seção Paris
32. Corpo Freudiano Seção Rio De Janeiro
33. Corpo Freudiano Seção São Luís
34. Curso de Psicodinâmica: psicoterapia e intervenções em situações e crises e desastres - Instituto Sedes Sapientiae – São Paulo
35. Departamento de Psicanálise com Crianças – Instituto Sedes Sapientiae – São Paulo
36. EBEPPOA – Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre
37. Encuentro Clínico Lacaniano: Asociación Psicoanalítica Rio de La Plata
38. Escola de Psicanálise de Curitiba – PR
39. Escola Lacaniana de Psicanálise de Brasília.
40. Escuela de Psicoanálisis de Tucumán
41. Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud- Rosário
42. Escuela Freudiana de La Argentina
43. Escuela Freudiana de Mar del Plata
44. Escuela Freudiana de Montevideo
45. Espace Psychanalytique – Paris
46. Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Belo Horizonte – EBEP-BH
47. Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora – EBEP-JF
48. Espaço Moebius Psicanálise – Salvador, BA
49. Espaço Potencial Winnicott – Instituto Sedes Sapientiae – São Paulo
50. Fondation Européenne pour La Psychanalyse
51. Formação Freudiana
52. Fórum do Campo Lacaniano de Aracaju
53. Fórum do Campo Lacaniano de Belém
54. Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte
55. Fórum do Campo Lacaniano de Brasília
56. Fórum do Campo Lacaniano de Curitiba
57. Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza
58. Fórum do Campo Lacaniano de Joinville
59. Fórum do Campo Lacaniano de Juiz De Fora
60. Fórum do Campo Lacaniano de Mato Grosso Do Sul
61. Fórum do Campo Lacaniano de Niterói
62. Fórum do Campo Lacaniano de Nova Iguaçu
63. Fórum do Campo Lacaniano de Salvador
64. Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo
65. Fórum do Campo Lacaniano do Rio De Janeiro
66. Fórum do Campo Lacaniano Região Dos Lagos

67. Fórum do Campo Lacaniano Região Serrana/RJ
68. FREDUC - Frente em Defesa da Universidade e da Ciência
69. GEP - Grupo de Estudos em Psicanálise - Itaúna/MG
70. Grita: Grupo de Investigación e Intervención Psicoanalítica, Cidade do México
71. Grupo Brasileiro de Pesquisa Sandor Ferenczi
72. Grupo de Psicoanálisis de Tucumán- Institución de Formación Psicoanalítica
73. Haeresis – Rosario
74. Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de grupo e Psicodrama – SOBRAP/Juiz de Fora-MG
75. Instituto Gerar de Psicanálise – São Paulo
76. Instituto Sedes Sapientiae- ISS - São Paulo
77. Instituto Vox de Psicanálise – São Paulo
78. INTERFACES – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicanálise – Varginha, MG
79. Intersecção Psicanalítica do Brasil - IPB
80. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Núcleo Cacoal
81. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Núcleo Lavras
82. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Núcleo Rondonópolis
83. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Núcleo São Paulo
84. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Sede Cuiabá
85. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Sede Florianópolis
86. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Sede Manaus
87. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Sede Rio
88. Laço Analítico / Escola de Psicanálise Sede Varginha
89. Lazos, Institución Psicoanalítica de La Plata
90. Litoral Psicanalítico: Pesquisa e Transmissão – Oliveira, MG
91. Mayêutica- Institución Psicoanalítica - Buenos Aires
92. NEPE - Núcleo de Estudos em Psicanálise e Educação – Poços de Caldas, MG
93. NINAR – Núcleo de Estudos Psicanalíticos
94. PARLÊTRE Psicanálise, Pesquisa e Transmissão – Divinópolis, MG
95. PUD - Psicanalistas Unidos pela Democracia
96. Seminário Freudiano Bahia Blanca - Escuela de Psicoanálisis
97. Seminário Psicanalítico - Tucuman, Argentina
98. Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle - SPID
99. Sociedade Psicanalítica da Paraíba – SPP
100. Travessia – Núcleo de Estudos de Psicanálise – Muriaé, MG
101. Toro Escola de Psicanálise – Maceió/AL
102. Trieb, Institución Psicoanalítica – Tucuman, Argentina
103. Triempo: Institución Psicoanalítica - Buenos Aires
104. Trilce/Buenos Aires – Institución del Psychoanalysis

Comunicado do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras Acerca de Nota Técnica Enviada ao Ministério da Educação - MEC

Brasil, 20 de fevereiro de 2022

Na contramão da história da Psicanálise no Brasil e no mundo e da formação séria e ética desenvolvidas por várias instituições psicanalíticas, a notícia da abertura de um curso de Bacharelado em Psicanálise surpreendeu, preocupou e mobilizou a comunidade psicanalítica e a sociedade em geral.

A psicanálise é uma prática não regulamentável, uma vez que depende de um rigor ético e lógico próprio a esse campo, implicando assim, uma formação permanente e singular. Embora sua teoria já tenha um lugar historicamente constituído na universidade, os requisitos para que alguém se autorize na sua prática são incompatíveis com diretrizes acadêmicas e curriculares. Assim sendo, a oferta de uma suposta garantia antecipada nos moldes de um bacharelado constitui-se numa oferta enganosa, pois a exemplo do que se passa no campo das artes, o fato de alguém cursar uma graduação nessa área, não faz deste um artista. Com o agravante de que, no caso do psicanalista, o ofício exercido implica lidar com vidas.

Diante disso o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (que reúne há mais de 20 anos instituições que têm como ponto central sustentar a não regulamentação da psicanálise) vem atuando no sentido de se posicionar contrariamente a esta proposta, assim como a toda e qualquer tentativa de regulamentação da psicanálise. Inicialmente elaboramos um Manifesto dirigido à sociedade em geral esclarecendo nossa posição, subscrito por expressivo número de instituições de formação em psicanálise no Brasil e no exterior, suscitando também manifestações de apoio na mídia (impressa e digital) e nas universidades.

No dia 31 de janeiro de 2022, dando prosseguimento às ações cabíveis, enviamos aos órgãos competentes no MEC, a saber, Conselho Nacional de Educação – CNE e Coordenação Geral de Regulação de Educação Superior – COREAD, uma **nota técnica** fundamentando nossa posição contrária à criação do referido curso, que segue para conhecimento:

Nota técnica sobre cursos de graduação em psicanálise

As instituições abaixo relacionadas formam há mais de 20 anos o grupo de trabalho Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas do Brasil. O objetivo desse Movimento, além de pesquisa e debate a respeito da multiplicidade que caracteriza a formação de um psicanalista, é zelar pela ética e rigor conceitual da psicanálise, tal como proposto e sustentado, desde sua invenção, há mais de um século, por Sigmund Freud, como um **ofício não regulamentável**. Assim, qualquer tentativa de adaptar a formação do psicanalista aos padrões universitários, seria, por si mesma, uma distorção dos princípios que a regem.

A formação de um psicanalista não se amolda a um curso por tratar-se de experiência singular e permanente, na qual um a um constrói seu próprio e particular percurso, fruto de constante questionamento da sua prática, e em interlocução com psicanalistas com percursos mais avançados.

Neste momento, **apoiados por cerca de aproximadamente 100 outras instituições, nacionais e internacionais, privadas e públicas**, vimos manifestar nosso protesto sobre a apropriação da psicanálise, como objeto de ensino universitário, em nível de graduação, com finalidade de formar pessoas aptas a praticar a clínica psicanalítica.

Nosso protesto considera que, ao inventar esse método de investigação do inconsciente, Freud, ilustre neurologista vienense, debruçou-se sobre casos clínicos cujos sintomas não eram explicados pela medicina de sua época e, partindo de rigorosa investigação científica, fiel às observações de sua clínica, deu um passo além, consistindo este no descobrimento do funcionamento inconsciente. Assim, diante de tal descoberta, afastou-se da ciência da época e se aproximou de um seleto grupo de seguidores, com os quais compartilhava suas descobertas clínicas, minuciosamente descritas em sua extensa obra, rico objeto de estudo para todos que se aproximam da psicanálise com vistas a sua prática.

Desde o início, o desenvolvimento da psicanálise parte da sua transmissão um a um, com base na discussão teórica, apresentação de casos em supervisão e a análise pessoal, experiências estas apoiadas no conceito de transferência, que envolve uma livre escolha pessoal e um tempo próprio. **No seu texto análise leiga, Freud diz: “a análise é leiga: é uma experiência subjetiva, singular, que implica uma ética peculiar”¹**

“O saber médico e o modo universitário de transmissão de saber são radicalmente insuficientes, inadaptados, para formar o saber necessário ao futuro analista. Somente a análise pessoal, possibilita a justeza desse saber.” Freud e os analistas húngaros, quando solicitados a assumir uma posição no Congresso de Innsbruck, em 1927, acrescentaram: **“a ciência analítica não deve ser protegida por diplomas médicos e sim por analistas analisados.”²**

Assim, causa-nos estranheza que apesar de se referir à prática secular da psicanálise, a organização de um curso, em nível de graduação, proposta pela Uninter, estar a cargo de psicólogos da área de saúde mental, não tendo sido consultados nenhum dos representantes da psicanálise, promovida há quase 100 anos, no Brasil, por entidades nacionais e internacionais e há cerca de 130 anos em inúmeros países do mundo.

Entendemos que o modelo universitário e a lógica acadêmica não só fazem resistência ao discurso analítico, já que não se sustentam no saber não sabido do inconsciente e sim na aquisição do conhecimento; como ainda pretendem, ao final, garantir ao aluno uma capacitação que, por estar apoiada em um saber adquirido, lhe será totalmente inútil diante

¹ Freud, S. (1980 [1926] *A questão da análise leiga* In.: Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, p. 142–150

² Freud, S. (2003 [1927] ‘Pós-escrito: A questão da análise leiga’. Tradução de Eduardo Vidal. In: *A Análise Leiga: da formação do psicanalista*, ano 22, n.32. Rio de Janeiro: Publicações da Escola da Letra Freudiana p.154

do inusitado da experiência analítica.

Desta forma, entendemos que **o programa proposto por este curso enxerta levemente o nome da psicanálise em temáticas que poderiam se adequar à formação em psicologia clínica, caracterizando uma superposição de competências.** Aliás a definição de psicanálise apresentada na proposta do curso, “A Psicanálise estuda o ser humano a partir da análise do inconsciente” está de acordo com a Psicoterapia de base analítica, prática já incluída nas atividades do psicólogo e que não tem a pretensão de formar psicanalistas.

É urgente, então, alertar ao incauto e à opinião pública em geral, que a Universidade nada sabe sobre o tornar-se analista que, com sua garantia antecipada pela obtenção de um diploma, ignora a exigência ética de formação permanente, já que, como nos alerta Freud, cada caso deve ser tomado como um caso novo, observado e tratado em sua singularidade. É impossível formar psicanalistas na Universidade. Este só pode advir de sua experiência no divã com o inconsciente, de sua análise pessoal e formação permanente junto a seus (ím) pares numa Escola de psicanálise. Ressaltamos também que o tempo de uma análise, sendo esta fundamental para a formação de um analista, é variável e imprevisível, motivo pelo qual não é possível o enquadre da formação em um espaço delimitado de tempo.

Por todas essas razões, repudiamos veementemente toda iniciativa que desvirtue o estatuto rigoroso, da inserção séria e ética da psicanálise nos diferentes países em que ela vem se desenvolvendo, há mais de um século, por aqueles efetivamente afetados no particular da sua subjetividade, pelo discurso analítico. **É imperioso dizer que um curso de bacharelado em psicanálise, ainda que amparado legalmente, distorce a lógica de uma formação válida,** incluído que está na onda ultra capitalista de uma transformação do saber inconsciente em mercadoria, fazendo dela mais uma. **A ética e o rigor psicanalíticos devem estar acima de qualquer proveito/lucro que se possa obter a partir do legado de Freud.**

Cabe ressaltarmos que Freud, desde 1914, preocupado com os desvios em relação aos princípios fundamentais da psicanálise, afirmou, em seu trabalho “A História do Movimento Psicanalítico” (1914) que tais desvios não deveriam ser reconhecidos como psicanálise e disse, ainda ” cada um tem o direito de pensar e escrever o que quiser, mas não tem o direito de apresentá-lo como uma coisa que não é”³. Entendemos que a deturpação da formação, que promete um psicanalista formado a partir de um diploma universitário, se constitui em um sério desvio, com graves consequências para a atividade psicanalítica.

³ Freud, S. (1996 [1914]) *A História do Movimento Psicanalítico*. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, p. 68

A Mercantilização da Psicanálise

Algumas reflexões

Curso de graduação em psicanálise: é possível?¹

Carlos Cesar Marques Frausino²

Batuque é um privilégio
Ninguém aprende samba no colégio
Sambar é chorar de alegria
É sorrir de nostalgia
Dentro da melodia

Feitio de Oração - Noel Rosa

Tá legal, eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um cavaco, de um pandeiro ou de um tamborim

Sem preconceito ou mania de passado
Sem querer ficar do lado de quem não quer navegar

Faça como um velho marinheiro
Que durante o nevoeiro
Leva o barco devagar

Argumento - Paulinho da Viola

Pode isso, Arnaldo?

Bordão utilizado por um conhecido comentarista de futebol.

Recentemente, além da pandemia e da crise política que estamos inseridos, soubemos de mais um fato que nos assombrou: a oferta de um curso de graduação, bacharelado em psicanálise, no formato Ensino à Distância, de 4 anos, por um Centro Universitário ligado a

¹ Texto publicado no blog da SBPSP e no sítio eletrônico da Febrapsi: <https://www.sbpsp.org.br/blog/curso-de-graduacao-em-psicanalise-e-possivel/> e <https://febrapsi.org/publicacoes/noticias/curso-de-graduacao-em-psicanalise-e-possivel/>

² Membro e docente da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb). Diretor do Conselho Profissional da Febrapsi (2021-2022), mestre pela Unicamp. Editor da Revista Alter, da SPBsb (2013-2017)

um grande grupo econômico educacional, com diploma e autorização para clinicar.

O eterno retorno do recalcado! A formação dos psicanalistas não tem atalhos. É árdua e pautada por uma ética singular, seriedade e um longo e árduo trabalho de conhecimento do inconsciente (análise pessoal, supervisão e estudos) dos profissionais que desejam se tornar psicanalistas.

Sabemos que o resultado da supremacia dos interesses comerciais em relação ao conhecimento psicanalítico desenvolvido ao longo de mais de um século e aos critérios de formação e transmissão da psicanálise de sólidas instituições psicanalíticas é conhecido: pessoas bem-intencionadas e/ou que buscam soluções para suas dores na alma e na mente são enganadas por escolas e profissionais pautados pela lógica mercantil da busca pelo lucro incessante.

Diante da notícia do curso, sobram indagações e faltam respostas: *O Ministério da Educação - MEC autorizou? O curso está credenciado? Mas, a psicanálise não é regulamentada, é um ofício, mesmo assim é possível um curso de graduação em psicanálise?* Fato que nos remete à antiga discussão da regulamentação e da regulação da profissão/ofício de psicanalista. Nessa breve nota, informo alguns detalhes do processo de criação desse curso.

Oxalá, o cancioneiro brasileiro possa inspirar a nossa Federação e a comunidade dos psicanalistas a defender a potência do legado freudiano de interesses mercantis. Ademais, que a lembrança do bordão futebolístico evite posturas semelhantes às de torcidas organizadas de futebol e suas posições apaixonadas desprovidas de temporalidades, estratégias, perspectivas etc etc ao longo dos próximos meses, na definição de estratégias de combate a esse acinte.

Sem liberdade poética, quase que semanalmente, recebemos na Febrapsi – Federação Brasileira de Psicanálise, informações de tais cursos, “sindicatos”, “conselhos” etc etc. Até há pouco tempo, antes da pandemia, tínhamos notícias frequentes de cursos de formação clínica, sindicatos, conselhos e de profissionais, normalmente, sob a égide de credos religiosos tais como: psicanálise cristã, psicanálise xamânica, a formação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB) etc etc.

No entanto, o que temos observado, recentemente, é que a oferta de tais cursos saíram do estrito campo religioso e, agora, estão pautados por uma lógica mercantil, com assessoria de psicanalistas e com alto grau de profissionalismo, promovidas por grandes grupos econômicos, como é o caso do curso de graduação em psicanálise recém-lançado pelo Centro Universitário Internacional, Uninter, do Paraná. Um grande grupo econômico associado à educação que pertence a um empresário e político tradicional com fortes vínculos ao atual governo e a políticos daquele estado.

Para tais segmentos, o exercício e a formação em psicanálise tornaram-se uma mercadoria. A psicanálise é laica, incompatível com uma *Weltanschauung* religiosa e não é uma mercadoria!! O Uninter, segundo seu sítio eletrônico, está presente em todos os estados da federação, com aproximadamente 400 cursos de graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado e



extensão. Já formou algo em torno de 500 mil alunos. Há informações que a demanda para o curso em psicanálise é de aproximadamente 2.000 alunos com início previsto para meados de fevereiro próximo.

Tais grupos têm profissionais especialistas no *emaranhado rizomático* das leis, portarias e normas da burocracia de Brasília. Assim, segundo a legislação vigente é necessária a autorização prévia do Ministério da Educação para a oferta de cursos de graduação. No entanto, as universidades e os centros universitários independem de autorização para o funcionamento de curso superior, devem apenas informar o Ministério da Educação os cursos criados por atos próprios para fins de supervisão, avaliação e posterior reconhecimento.

Com essa informação, é possível esclarecer alguns aspectos. O curso de bacharelado em psicanálise do Uninter está dentro da legalidade e o MEC autorizou, tacitamente, segundo as portarias e normas vigentes, a criação do curso. O Uninter necessita, apenas e somente, informar o MEC da criação do curso.

No entanto, a oferta de cursos de graduação em direito, medicina, odontologia, psicologia e enfermagem, inclusive em universidades e centros universitários, depende de autorização do Ministério da Educação após prévia manifestação do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e do Conselho Nacional de Saúde.

O necessário pedido de reconhecimento do curso – para a validação do diploma do aluno – poderá ser solicitado pela Instituição de Ensino Superior (IES) no período compreendido entre cinquenta por cento do prazo previsto para integralização de sua carga horária e setenta e cinco por cento desse prazo. No caso do curso da Uninter, caso inicie em 2022, o pedido de credenciamento deverá ser feito após 2024. Vale registrar esse prazo.

O reconhecimento de cursos de graduação em direito, medicina, odontologia, psicologia e enfermagem será submetido à manifestação, em caráter opinativo, do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, no caso de curso de Direito, e do Conselho Nacional de Saúde, nos cursos de Medicina, Odontologia, Psicologia e Enfermagem.

A Febrapsi está atenta a tais movimentos.

A Federação Brasileira de Psicanálise é uma instituição fundadora e componente do Movimento Articulação – um delicado arranjo institucional que une cerca de 24 entidades psicanalíticas de vários matizes teóricos e clínicos – que tem como objetivo obstruir projetos de lei no Congresso Nacional que visam à regulamentação da psicanálise como profissão e informar a sociedade da natureza e a especificidade do nosso ofício. Nesse sentido, o Movimento teceu manifesto contrário a criação do curso, subscrito pelas instituições que

compõem o movimento e com o apoio de mais de cem entidades psicanalíticas que está circulando pelas redes sociais e estimulou a publicação de um conjunto de excelentes artigos, lives e discussões.

Em direção de contrarrestar os ataques ao nosso ofício, a Febrapsi também desenvolve a campanha *#PsicanaliseÉ#*, levado à frente pela Diretora de Divulgação e Comunicação da Febrapsi, Marina Bilenky, que por meio de posts e vídeos gravados por colegas, informa, nas mídias sociais, a psicanálise que praticamos no campo da IPA/Febrapsi. O nosso modo de fazer e pensar a clínica, a teoria e o método psicanalítico.

Convido todos a divulgar, junto às federadas, o material que se encontra no perfil e no sítio eletrônico na Febrapsi e nas mídias sociais (Facebook e Instagram).

A Febrapsi está trabalhando para divulgar a psicanálise por meio da divulgação dos princípios da psicanálise, da seriedade e da ética da formação e no exercício da psicanálise, que praticamos nas 18 federadas que compõem a Federação e fará o possível e o necessário para defender a tradição psicanalítica junto ao governo federal e ao Congresso Nacional. Vamos continuar a fazer gestões junto às instâncias do governo e do Estado para que a voz da Febrapsi ecoe em tais instâncias.

No esteio das vitórias da ABP/Febrapsi contrárias às ações da SPOB no início dos anos 2000, vamos seguir na defesa da especificidade do legado freudiano.

Psicanálise, regulação e tensão

Silvia Acosta³

Carlos Cesar Marques Frausino⁴

Juan Pinetta⁵

Em uma apazível noite, alguém pode, despreocupadamente, estar conduzindo seu cabriolet por uma larga avenida em velocidade de cruzeiro, cortando semáforos de amarelo para vermelho, supondo que nada cruzará seu caminho. Até que a realidade se imponha por meio de um caminhão que corta os semáforos de amarelo para verde.

Sabemos que os semáforos têm uma utilidade de segurança e ordenamento e a psicanálise atravessou muitos amarelos.

Essa alegoria parece trivial, mas tem a ver com a realidade em que nossa práxis está imersa e com a capacidade que nós, analistas e instituições, temos de sentir a realidade, aprender e apreender experiências.

Sabemos que os maus momentos, desagradáveis, geralmente são submetidos ao porão do esquecimento, mas à sua destruição (total)?

³ Asociación Psicoanalítica Argentina - APA

⁴ Sociedade de Psicanálise de Brasília - SPBSb

⁵ Asociación Psicoanalítica Argentina - APA

O caso da França, onde a sua Assembleia Nacional, há pouco anos, quase proíbe a psicanálise de tratar o autismo, e mais, submetia a “responsabilidade penal” os profissionais de saúde mental que se colocassem contra os “avanços científicos “. Ao final do processo legislativo a batalha foi vencida pela psicanálise.

Não foi aprovado. Mas a sua não aprovação foi um alarme que, embora seja europeu, deveria ecoar em nossos continentes.

Sabemos que a psicanálise sempre teve conflitos com a “lei”, nasceu como resultado disso, como revelação, rebeldia e subversão. Deixaremos o termo lei sem delimitá-lo, deixando-o à sua multiplicidade de sentidos. Mas há um fato irrefutável: a “realidade” sempre se impõe. Ainda hoje há muitos colegas que continuam sustentando que o envolvimento de nossas instituições em questões regulatórias, legislativas e políticas públicas de saúde mental não se adequa à nossa especificidade, pois estamos além desses poderes.

Alguns também dizem que não temos que prestar contas de nossas práticas, pois não temos que nos submeter ao poder hegemônico normativo das estatísticas, dos diagnósticos nem dos poderes médico-psiquiátricos normativos.

É verdade: a nossa ética é do “um a um”, uma prática impossível de se normatizar, já que estamos nos dedicado a singularidade do singular que representa o paciente desde sua irreduzível subjetividade e do seu inconsciente.

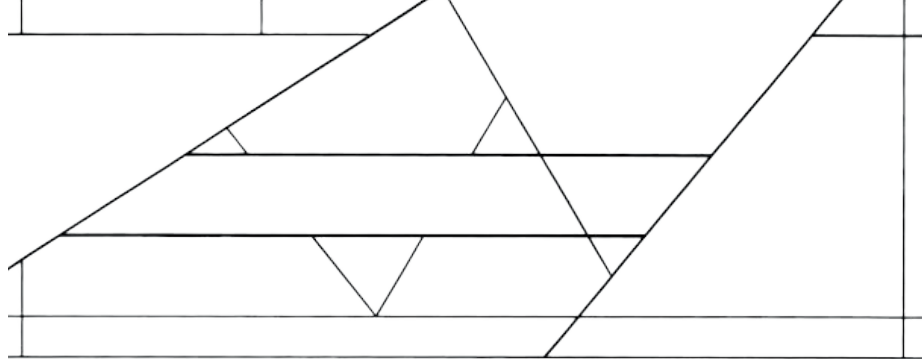
Também se argumenta que as leis aprovadas – pela conjunção da anuência dos poderes legislativos e executivos – não afetam nossa prática, assim como as regulamentações – por meio de portarias, resoluções e decretos – dos poderes executivos. Estamos além disso, pois “quem tem o desejo de se analisar chegará aos nossos consultórios”, outro dado da realidade que também não se questiona.

A realidade de um parlamento francês que quase proíbe a psicanálise de tratar patologias, como o autismo, não é importante, tampouco que no Congresso da Argentina há Projetos de Lei que definem e regulamentam que tipo de terapias, associadas à saúde mental, devem ser financiadas (reduzido, claro, a questões neuro-genéticas-comportamentais). Nem que na Espanha houve, no início de 2019, um ataque revulsivo contra a psicanálise.

Tudo isso não importa, parece.

Em uma época marcada pela aceleração da velocidade da circulação de informações, pelo rompimento das relações de tempo e espaço, pela falta de tempo para a reflexão aprofundada acerca da vida acrescida da luta cotidiana pela sobrevivência que reduz os espaços para pensar e outros etc etc, constituem, também, uma realidade que não podemos ignorar por todos os que exercem o ofício de psicanalista.

Há pouco tempo, um grupo de psicanalistas da Sociedade Espanhola de Psicanálise, publicou na revista “Questões de Psicanálise” um artigo intitulado “Sobre a psicanálise e psicoterapias de orientações psicanalítica”, no qual, além de enumerar um conjunto de pesquisas e abordagens científicas sobre os efeitos da psicanálise, faz uma convocação



para a “regulamentação da prática profissional da saúde mental tanto no público quanto no privado”.

Isso, em meio a ataques diretos à psicanálise na Espanha, assim como de associações que afirmam que a psicanálise é uma “visão puramente filosófica, totalmente alheio à ciência, [...] [que] como terapia nunca foi validada [cientificamente]”, de acordo com a APETP (Associação para Proteger os Doentes de Terapias Pseudocientíficas).

Não é a primeira vez que isso acontece, Mario Bunge, argentino, filósofo da ciência, durante anos atacou a prática psicanalítica, enfrentando o falecido Gregório Klimovsky. No Brasil, nos anos trinta do século passado, ocorreu um forte embate na Faculdade de Medicina de São Paulo acerca da eficácia do método psicanalítico entre grupos de Carlos Pacheco e Silva e Durval Marcondes, este último um dos pioneiros na difusão da psicanálise no Brasil.

Claramente não é algo novo, na primeira edição da Revista Argentina de Psicanálise, em 1943, Franz Alexander observou como “alguns clínicos ortodoxos e conservadores julgam esses fatos [o desenvolvimento psicanalítico] como uma ameaça aos fundamentos da medicina científica arduamente adquiridos e importantes autores alertavam contra esse novo “psicologismo” considerado incompatível com a medicina como uma ciência natural “. A publicação recente dos colegas espanhóis Valle Laguna, Rossend Camon, Berta Requejo e Anna Romera associou-se quase ao mesmo tempo com outra acerca do mesmo tema, essa no Observatório Psicanalítico da Febrapsi, no Brasil, em texto assinado por Wilson Amendoeira (SBPRJ) que assinala que a questão da regulação está em voga desde os anos 1970.

Vale uma nota, na Argentina há uma Lei de Saúde Mental que exige que os profissionais atuantes nessa área tenham formação em psicologia (anteriormente reservado apenas para médicos e psiquiatras). Em outros países, como o Brasil, Peru e Venezuela não há legislação que trate do exercício da psicanálise.

No Brasil, a psicanálise é um ofício, não é determinada como uma profissão, não há legislação que a regule. Apesar da tramitação de alguns projetos de lei no Congresso Nacional que visam a sua regulamentação. Wilson Amendoeira menciona que os evangélicos afirmam ter “treinado 25.000 psicanalistas”, o que nos dá uma dimensão dos impasses de tais questões no Brasil.

Isso pode não ser relevante, no âmbito da IPA, pois as formações, em nossos Institutos, são pautadas por uma ética ancorada na intensidade e no rigor da formação contínua, das

supervisões e das análises pessoais. Portanto, estamos alheios à regulação dos Estados, porque nossas instituições da IPA nos governam (e não sem conflitos!). Embora, há situações particulares, contextos e problemas diferentes.

Aumentando a problematização desse aspecto e dadas as especificidades das nossas formações, Amendoeira ressalta as dificuldades intrínsecas à uma regulamentação da formação e do nosso ofício, mas reafirma a necessidade de que as nossas instituições estejam presente nas discussões acerca desse tema.

Na Argentina, pelo menos a partir da APA, foi formalizada a criação uma Comissão de interação com o Parlamento, que tem um intenso trabalho de intercâmbio com órgãos parlamentares e executivo, tentando cruzar a várias propostas legislativas, discurso e compreensão psicanalítica, antes do avanço de diversas iniciativas que descartam o subjetivo em favor de fatores biológicos. Não é a única iniciativa nesse sentido nas nossas associações.

Em 2000 foi criado, por iniciativa da Febrapsi e outras instituições psicanalíticas, o “Movimento Articulação das Entidades Psicanalítica Brasileiras” para discutir a formação de psicanalistas e prática psicanalítica. Os princípios que fundam e governam a dinâmica do Movimento são a ética da formação e seus postulados freudianos. Assim, “Articulação” uma instituição da sociedade civil brasileira, também foi constituído em um espaço de discussão de propostas legislativas que visa regulamentar a profissão de psicanalista. Vale notar que nenhum Projeto de Lei, nessa direção, foi aprovado pelo Parlamento brasileiro.

No caso da Argentina, embora possa ser dito que até agora a psicanálise está “protegida” de ataques que refutam a efetividade do método psicanalítico, há iniciativas parlamentares que representam um ataque forte à psicanálise, especialmente com a geração de projetos regulatórios incluindo a validação das práticas terapêuticas “baseadas em evidências científicas”, que geram discursos “científicos” que são assimilados pelos formuladores de políticas públicas em Saúde e Saúde Mental.

Em 2017 as associações APdeBA, APA e EOL emitiram um comunicado alertando sobre estas iniciativas que favoreceram o surgimento de políticas públicas em saúde mental em detrimento da subjetividade, a partir de conjuntos de dados estatísticos que visam gerar meros protocolos.

Por outro lado, para aumentar a tensão, é interessante apontar o surgimento de novas práticas que se destinam a dar status de psicoterapias e que estão incluídas em algumas Obras Sociais, com carreiras curtas de dois ou três anos que não eles incluem até mesmo treinamento clínico ou psicopatológico.

Diante esse quadro, emergem questões: quais os limites da psicanálise (formação e ofício) para realizar uma transição para a regulamentação e/ou regulação? Ao mesmo tempo em que em algumas localidades a ausência de regulação estatal permite a proliferação de todo tipo de práticas que utilizam até mesmo o rótulo psicanalítico sem ser endossado pelo tripé de formação e pela sua ética formativa, em outros, a lei pode acabar criando obstáculos à nossa prática.

Nesse sentido, como evitar essa articulação com as normas jurídicas que “ultrapassam” o método e os procedimentos psicanalíticos, ou seja, a nossa especificidade?

Podemos evitar a regulamentação? É possível escapar desses enquadramentos normativos? Paradoxos da nossa prática, mas também de nossas vidas. Estaremos sempre diante aspectos da realidade que não devemos subestimar, porque nos impactam diretamente no nosso ofício e no nosso cotidiano.

Dessa forma e nesse quadro, a questão emergente é até onde podemos trilhar seguindo a nossa ética da formação psicanalítica e do exercício do nosso ofício.

Sigmund Freud queria estender o acesso da psicanálise à comunidade mais ampla, o que em nossos tempos, implica um desafio à liquefação da especificidade da psicanálise e da sua regulamentação/regulação positivo-científica.

Referências com links

Amendoeira, Wilson, Notas sobre a questão da velocidade no Observatório Psicanalítico. Febrapsi <https://www.febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-902019/>

Aymeric Philonenko, Nicolás Rabain; Psicanálise, autismo e política. Na revista Topia. <https://www.topia.com.ar/articulos/psicoanalisis-autismo-y-politica-voto-del-8-diciembre-2016-francia>

Machado, Ana Paula Terra Sobre um reforço da profissão de psicanalista. <https://www.febrapsi.org/quem-somos/articulacao/>

Valle Laguna, Rossend Camón, Berta Requejo e Anna Romera; <http://www.temasdepsicoanalisis.org/2019/02/05/sobre-el-psicoanalisis-y-las-psicoterapias-de-orientacion-psicoanalitica/>

Bacharelado em psicanálise é aberração⁶

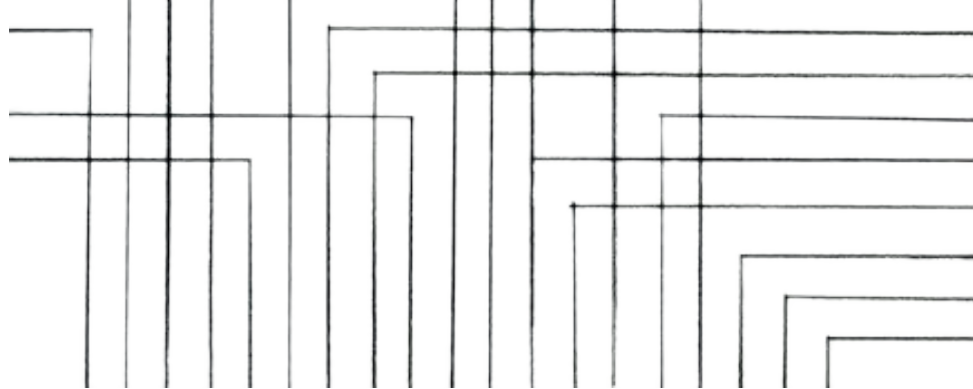
Marco Antonio Coutinho Jorge⁷

A comunidade psicanalítica brasileira foi surpreendida no final de 2021 pelo anúncio da criação de um curso universitário de graduação em psicanálise, o que contraria toda a tradição —nacional e internacional— referente à formação do psicanalista.

Desde a criação da psicanálise por Sigmund Freud até os avanços substanciais da teoria e da clínica psicanalítica trazidos pelo ensino de Jacques Lacan, a formação analítica é oferecida exclusivamente pelas sociedades de psicanálise, criadas para este fim há mais de cem anos. Nelas, o estudo da teoria psicanalítica é intimamente associado aos outros dois pilares —análise pessoal e supervisão clínica— que sustentam a formação como um conjunto consistente de atividades atravessadas pela experiência analítica pessoal dos analistas que ensinam.

⁶ Publicado no Jornal Folha de São Paulo, 11/1/2022, <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/01/bacharelado-em-psicanalise-e-aberracao.shtml>

⁷ Psiquiatra e professor do Instituto de Psicologia da UERJ



Os psicanalistas brasileiros, reunidos no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, criado há mais de 20 anos com o objetivo de salvaguardar a especificidade da ética inerente à prática analítica, divulgaram um manifesto que sintetiza porque se opõem de forma veemente contra tal empreitada: “Reduzir a formação analítica ao conhecimento de teorias e técnicas, prometendo que em quatro anos, cumprindo determinados requisitos, todos estejam aptos para a prática psicanalítica, contradiz o conceito de ensino e transmissão da psicanálise”. E ainda: “A formação em psicanálise, resultado da análise pessoal, da leitura crítica da teoria e das reflexões clínicas, ocorre sempre de maneira singular, não cabendo em programas fixos e comuns para todos, em um tempo predeterminado”.

Isso significa simplesmente que o estudo da teoria analítica, isolado, não forma um analista. Para tal finalidade, é preciso que o ensino seja oferecido no interior de um protocolo de formação que coloca a análise pessoal no primeiríssimo plano, seguido do acompanhamento da prática clínica oferecida por analistas experientes. Ou seja, a formação tem como base mais importante a experiência da análise pessoal, sem a qual não é possível ser analista. Mais do que isso, a análise que é exigida de um analista em formação é a mais longa e profunda possível e, por isso mesmo, muitas vezes os analistas retornam à análise, como Freud já recomendava. Dito de modo simples, o acesso ao inconsciente, que forma o analista porque lhe proporciona uma vivência subjetiva do que é a experiência da análise e lhe dá condições de tratar seus analisandos, não se restringe ao estudo sobre o inconsciente.

Instituir um curso de graduação de psicanálise, que apresenta claramente em seu bojo uma motivação empresarial e despreza os objetivos de uma formação legítima, é um grave atentado à existência da psicanálise como método de conhecimento e tratamento. Significa, outrossim, negar o protocolo de formação necessário e oferecer uma ilusão perniciososa aos jovens que desejam encontrar na psicanálise uma fonte de conhecimento que, para ser estendida a uma atividade clínica, exige o próprio tratamento do sujeito.

Cabe ao Ministério da Educação rever a autorização que foi dada a este curso ignominioso que, de psicanálise, só tem o nome, nada mais.

A atual banalização da Psicanálise⁸

Carlos de Almeida Vieira⁹

Há muita lenda sobre a pessoa de um psicanalista. Alguns se referem a um ser calado, circunspecto, que quase não fala, estranho, às vezes meio louco; outros chegam a afirmar que o analista quando trabalha não abre a boca, somente ouve; enfim há especulações mil, quando de fato um psicanalista é uma pessoa que faz parte do mundo dos mortais, porém presume-se, e na grande maioria, é um fato de que é uma pessoa com profunda formação humanística, que sempre teve e tem a paixão da curiosidade sobre a mente humana, o funcionamento da mesma, e os mistérios que jamais acabam sobre a vida privada dos seres humanos.

É bom que se diga: um psicanalista, que se dispõe a atender oito a dez analisandos por dia, que se dedica exclusivamente ao seu ofício e, principalmente que se dispõe a acolher, ouvir e conversar sobre a dor psíquica, não pode ser alguém sem uma formação profunda e ética, ou seja: um curso teórico-clínico de pelo menos quatro anos; análise pessoal no mínimo três a quatro vezes por semana durante nunca menos de cinco anos; supervisão dos seus casos clínicos por colegas mais experientes, e por fim, uma cultura pessoal que englobe filosofia, história, arte, literatura, linguística, pelo menos. Hoje sabemos que as teorias psicanalistas não dão conta, somente elas, pelo conhecimento da realidade psíquica. Necessário se faz pedir ajuda às outras ciências e todos os ramos do conhecimento humano.

No Brasil, nessa cultura do improviso e na pressa em atender ao sofrimento das pessoas sem critério formativo, criaram-se várias escolas de psicanálise, infelizmente de credo político-religioso com formações(?) de psicanalistas em meses, sem preocupação com a pessoa do psicanalista(sua análise pessoal) e cursos relâmpagos, às mais das vezes, não presencial. Acrescente-se a isso, o interesse comercial de grupos empresariais, com o objetivo de lucros milionários. É o caso da recente oficialização, pelo Ministério da Educação, de “Faculdades de Psicanálise”. Lidar com a mente humana, manejar situações neuróticas graves, psicóticas e drogadictas é necessária muita sensibilidade, sanidade mental do profissional, capacidade ética e total recusa a atitudes e tentativas de controle moral, político e de cunho místico-religioso.

Psicanálise é sobretudo uma pesquisa sobre o conhecimento do funcionamento mental, e não mais, a rigor, um tratamento médico ou de outra espécie. É um método de pesquisa a longo prazo para proporcionar ao analisando um maior conhecimento de si mesmo; esse método se realiza na experiência da relação analista-analisando através dos fenômenos transferenciais-contratransferenciais. Atualmente se faz necessário saber sobre a formação do psicanalista, se pertence a algum Instituto que exija as condições básicas(análise pessoal, supervisões clínicas, formação teórica de pelo menos quatro anos) e que o analista seja um indivíduo de notório saber, reconhecido clinicamente pela sociedade e pelos colegas de

⁸ Publicado no Jornal de Brasília em 13/01/2022 <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/psicanalise/a-atual-banalizacao-da-psicanalise/#.YeBrocosR6s.facebook>

⁹ Médico, Psicanalista. Membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília; Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

profissão.

Essas considerações que no momento faço, são em função da BANALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE COM A ANUÊNCIA DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO, aprovando a abertura de Faculdades de Psicanálise.

Oxalá, os representantes do Ministério procurem uma orientação das Sociedades de Psicanálise Brasileiras, no sentido de orientar para que as condições mínimas de formação sejam mantidas. Penso ser isto, uma consideração social e política com a população brasileira e, principalmente uma política realística de Saúde, e não o interesse de grupos empresariais, grupos religiosos(?).

Democratizar a psicanálise¹⁰

Érico Andrade¹¹

Poucas pessoas no Brasil podem usar o valor de um carro ou de um apartamento para enveredar na carreira de psicanalista. O alto custo da formação, que envolve o pagamento da mensalidade da sociedade ou associação de psicanálise, da análise pessoal e da supervisão, desenha um perfil de psicanalista que talvez esteja de fato mais próximo da Viena de Freud do que das comunidades e favelas do Brasil.

Durante toda a presença da psicanálise no Brasil se fez muito pouco para alterar esse círculo vicioso: paga-se muito para a formação em psicanálise e compensa-se cobrando muito nas sessões. Alguns psicanalistas midiáticos cobram um valor para cada sessão muito maior do que um salário-mínimo.

Isso torna a psicanálise muito cara e, por conseguinte, elitista. A sua democratização só ocorre nos corredores das universidades onde a psicanálise é usada como teoria social em diferentes domínios das humanidades. E, não raramente, é usada como crítica ao neoliberalismo, mesmo sendo a sua prática clínica uma importante aliada do neoliberalismo — não apenas quando a clínica se centra apenas no indivíduo, como se as patologias humanas pudessem ser resolvidas apenas na esfera individual, mas também quando funciona de acordo com a lógica do mercado no que diz respeito aos valores cobrados. Quanto maior a demanda por um analista, maior o preço de sua sessão.

Assim, a psicanálise é usada como instrumento teórico de crítica ao neoliberalismo, mas a sua prática é bem capitalista. Aqui não se trata de uma ambivalência, mas de uma contradição. Parece que Marco Antônio Coutinho Jorge, em artigo nesta **Folha** (“Bacharelado em psicanálise é aberração”, 12/2), não percebeu que a psicanálise não irá se tornar “empresarial” com uma eventual graduação pela simples razão que em algum sentido ela já é empresarial, visto que serve apenas à parte abastada da população. A questão é: como mudar este quadro?

¹⁰ Publicado no Jornal Folha de São Paulo, 17/1/2022. <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/01/democratizar-a-psicanalise.shtml>

¹¹ Filósofo, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e psicanalista em formação



Só percebo uma forma. As sociedades devem realizar, como instituição, projetos de difusão e formação em psicanálise dirigidos às pessoas que têm interesse, mas que não podem arcar com os custos da formação. É preciso converter esses valores exorbitantes da formação, pagos apenas por quem tem na sua clientela empresários, juízes, procuradores etc., num benefício público por meio do fomento a uma formação social —voltada para quem não é herdeiro nem tem um capital alto para investir numa formação de qualidade.

Assim, se a ideia de uma graduação em psicanálise é questionável por várias razões, ela ao menos serve para que a comunidade psicanalítica atente que não basta ter uma clínica social (que, aliás, quase nunca existe): é preciso uma formação social. Sem isso, a psicanálise está condenada a repetir a desigualdade brasileira sem se dar conta de que parte do nosso sofrimento psíquico tem uma raiz, como ensinou o próprio Freud, na cultura.

Um engenhoso estímulo à impostura¹²

Marco Antônio Coutinho Jorge¹³

Em sua resposta a meu artigo publicado na **Folha** (“Bacharelado em psicanálise é aberração”, 12/1), Érico Andrade (“Democratizar a psicanálise”, 17/1) revelou desconhecer por completo as condições atuais da formação e da prática psicanalíticas. Suas colocações negam uma realidade que existe há décadas: a formação e o tratamento psicanalíticos não estão de modo algum dirigidos exclusivamente para a elite econômica.

Sua afirmação de que a democratização da psicanálise “só ocorre nos corredores das universidades onde a psicanálise é usada como teoria social em diferentes domínios das humanidades” desconsidera as conquistas que os psicanalistas empreenderam em nosso país e desinforma as pessoas quanto às possibilidades existentes de busca de tratamento analítico. O autor prefere fazer uma ironia (“a clínica social que, aliás, quase nunca existe”) com algo que é muito sério e precisa ser divulgado na sociedade: todas —absolutamente todas— as instituições de psicanálise que oferecem formação mantêm, sim, uma clínica social bastante ativa que atende pacientes de diferentes camadas sociais.

¹² Publicado no Jornal Folha de São Paulo, 25/1/2022. <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/01/um-engenhoso-estimulo-a-impostura.shtml>

¹³ Psiquiatra e professor do Instituto de Psicologia da Uerj

O desserviço não para por aí: ao contrário do que ele brada equivocadamente referindo-se ao preço cobrado pelos analistas, o valor das sessões de análise é frequentemente estabelecido em acordo feito com cada um dos pacientes, pelo próprio fato de que a análise é um tratamento longo, ao qual são dedicadas muitas horas de trabalho, e em que a própria frequência de sessões necessária para cada paciente é avaliada segundo a estrita singularidade de cada caso.

Além disso, dando existência concreta ao desejo de Freud, que desde sempre sustentou o projeto de oferecer tratamento analítico às classes menos favorecidas (cf. a importante obra de Elizabeth Ann Danto, “As Clínicas Públicas de Freud: Psicanálise e Justiça social, 1918-1938”), os psicanalistas nunca estiveram tão presentes como hoje nos mais variados contextos de atendimento popular —em hospitais e unidades de saúde da rede pública, e até mesmo em atendimentos voltados para a população de rua. Não reconhecer isso é perpetuar uma visão ultrapassada de que a psicanálise é elitista.

Mas o mais nefasto em sua réplica é que ele desvia o foco do grave problema que apontei em meu breve artigo: a recente criação de um curso de graduação em psicanálise por uma universidade privada, que se arroga o direito de dar condições a seus graduandos para exercer a clínica psicanalítica, não possui como o autor supõe mérito algum, pois trata-se muito simplesmente de um engenhoso estímulo à impostura. Atenção: o que importa entender é que oferecer formação enganosa de maneira nenhuma visa “democratizar a formação”, mas sim destruir as bases sobre as quais ela se constrói.

Ao apontar em seu manifesto recém-divulgado o pernicioso engodo inerente à proposta dessa universidade de oferecer graduação em psicanálise, o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, que reúne as diversas instituições psicanalíticas de nosso país que oferecem formação adequada, fez valer sua reconhecida autoridade em relação ao conhecimento de uma disciplina complexa, que exige uma formação rigorosa para ser alçada a uma prática legítima.

O desconforto da democracia¹⁴

Érico Andrade¹⁵

Uma das formas mais tradicionais de se esquivar do debate público é substituindo argumentos pela adjetivação das ideias que se posicionam de modo contrário às suas. A abundância de adjetivos no texto de Marco Antonio Coutinho Jorge (“Um engenhoso estímulo à impostura”, 25/1), publicado nesta **Folha** a respeito do artigo “Democratizar a psicanálise” (17/1), demonstra como a democracia e o debate público entre nós ainda é um desafio. “Nefasto” e “engodo” são palavras que obliteram a gravidade da questão que o texto “Democratizar a

¹⁴ Folha de São Paulo, 26/1/2022 <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/01/o-desconforto-da-democracia.shtml>

¹⁵ Filósofo, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e psicanalista em formação

psicanálise” introduz.

De fato, há associações de psicanálise que têm uma clínica social (não todas!), mas o ponto central do meu artigo era a formação em psicanálise. Ela está muito longe de ser democrática. Basta se perguntar quantas pessoas negras estão nessas associações em relação à proporção de pessoas negras no Brasil. Quantas pessoas de baixa renda e advindas de universidades periféricas estão na formação em psicanálise nas associações de psicanálise do Brasil?

Ademais, o fato de se negociar o preço da sessão de análise esconde o patamar no qual se dá essa negociação. Os preços de partida são altos, por si só já são constrangedores, e mesmo mediante negociação, que não se aplica a todos os casos, está longe de contemplar as camadas menos privilegiadas do nosso país. Portanto, o acesso à psicanálise como um longo e singular tratamento não é algo disseminado no Brasil na forma de um atendimento para a maior parte das pessoas. Desse modo, ainda há uma necessidade de democratizar o atendimento. E a formação?

Para essa pergunta eu convido as associações de psicanálise a se questionarem sobre a quantidade de pessoas do seu quadro que são oriundas das classes mais populares e negras. Por essa razão, é no mínimo um indicador do caráter elitista da especialidade se ocupar em reafirmar o privilégio das instituições de psicanálise em determinar o que é uma formação psicanalítica quando surge a possibilidade de um curso de graduação. Se por um lado, as associações de psicanálise têm razão em alertar para a complexidade que é a formação, por outro há uma urgência para que essas entidades tenham cotas e acolham pessoas em vulnerabilidade social para a formação —e não apenas na sua clínica que, insisto, nem sempre existe.

Com isso, é importante não se cometer a confusão —exposta no texto de tréplica de Marco Antonio Coutinho Jorge— entre a pessoa do psicanalista (que pode estar em diversas ações sociais) com as instituições em cuja formação está, sim, parte privilegiada da população brasileira. Basta fazer um rápido levantamento estatístico. Parece-me que o desafio não é o de pessoalizar a psicanálise, mas levar a sério a radicalidade da questão a respeito da formação e porque ela permanece tão distante das pessoas. Sem proceder desse modo, as instituições estão fadadas a não tratar do problema porque não percebem que são parte dele.

A clínica psicanalítica não se aprende na Universidade¹⁶

Maria de Fatima Silveira dos Santos¹⁷

O oferecimento de bacharelado em Psicanálise por uma instituição de ensino superior do país mostra o apreço que nós, brasileiros, temos pela interação terapêutica criada por Sigmund Freud. É possível até que outras instituições de ensino acompanhem este movimento. Mas cabe esclarecer que as razões do prestígio alcançado pela psicanálise são as mesmas que impedem que clínicos psicanalistas sejam formados por Universidades. O prestígio que a psicanálise tem no Brasil decorre diretamente da formação psicanalítica, que é a forma típica de preparação de um psicanalista. Sociedades de psicanálise e escolas de formação de psicanalistas existem desde muitas décadas no Brasil. Vem delas, como psicanalistas ou como supervisores de jovens iniciantes, boa parte dos profissionais psicanalistas atuantes hoje. Gerações de psicanalistas foram formados e essas instituições foram peças chave na percepção de que o método psicanalítico é efetivo para lidar com o sofrimento psíquico humano.

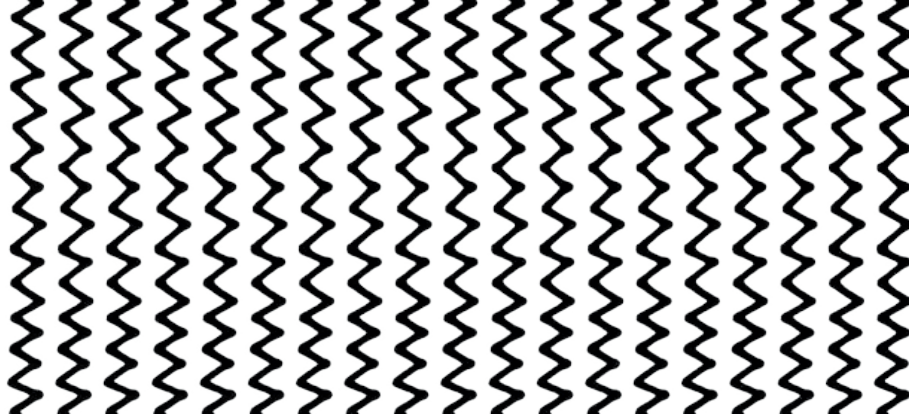
Como se dá a formação de um psicanalista? Um psicanalista não se forma por conhecimentos acrescentados, tal como acontece em uma especialização universitária. Também não é pelo treinamento de técnicas psicológicas. Uma pessoa se torna psiquiatra pelo conhecimento acrescentado ao longo de uma residência, e um psicólogo clínico se habilita pelo treinamento em uma técnica determinada. Ambas as profissões prestam importantes serviços à saúde psíquica das pessoas que a elas recorrem.

Mas um psicanalista é formado de outra maneira. O núcleo pulsante da sua formação é o processo de psicanálise pessoal ao qual se submete. Esse processo possibilita que seus impulsos e ações sejam colocados a serviço da observação do sofrimento e da promoção da saúde de seu paciente. Não é uma coisa óbvia como pode parecer. Todo bom profissional de saúde está a serviço do bem-estar de seu paciente. É verdade, mas há uma especificidade decisiva na prática de um psicanalista. Ele é tocado em seu próprio psiquismo (e assim deve ser sempre) pelo sofrimento daquele que o procura. Não poderá, como um médico ou um psicólogo, manter a empatia, mas se afastar do sofrimento para bem atender. Não, um psicanalista é convocado pelo sofrimento do paciente e esse ressoar se torna o centro do encontro. É em meio ao ecoar do sofrimento que o psicanalista vai oferecer o pensamento vivo que lhe ocorre, isto é, a interpretação da experiência emocional em curso. Há uma comunicação muito direta entre os dois indivíduos que estão na sessão psicanalítica. Para sustentar essa comunicação entre duas mentes que se tocam e vibram de forma contundente no encontro, o analista necessita passar por um processo específico de preparação, a formação psicanalítica.

Nesse processo, o analista se prepara para permanecer em abstinência de desejos próprios

¹⁶ Publicado no Jornal Correio Braziliense, 27/1/2022.

¹⁷ Psicanalista, Membro associado e docente da Sociedade de Psicanálise de Brasília; Doutora em Psicologia Clínica UnB



e de aceitação do protagonismo de ações e decisões do paciente. Essas duas condições psíquicas é que permitem ao psicanalista mergulhar na jornada de busca para a qual é convidado por cada paciente que recebe. O desenvolvimento delas é o objetivo de uma psicanálise de formação.

Tornar-se psicanalista significa passar pelos processos de busca de si e de afastamento de seus excessos e preconceitos para poder mergulhar em condições adequadas à jornada de descoberta do paciente. Camadas de respostas sociais aprendidas e de ideias pré-concebidas são retiradas pelo processo psicanalítico de formação para que se possa mergulhar na autenticidade de cada encontro entre paciente e analista.

Além da atividade central de observação e descoberta de si mesmo, a formação psicanalítica comporta também a prática supervisionada por um profissional mais experiente. Ambas são realizadas durante alguns anos.

A habilitação como psicanalista não pode se processar onde análise pessoal e supervisão sejam tratadas como acessórias.

A análise de formação e as supervisões de atendimentos são fundamentos da profissão de psicanalista e, por essas características, a habilitação de um psicanalista não pode se processar no formato de especialização como as oferecidas pelas Universidades. Simplesmente porque não é possível ensinar a alguém a ver sem preconceitos pessoais nem se pode ensinar a dar a primazia ao outro no relacionamento. Não. Ambas as atitudes são desenvolvimentos alcançados ao longo do processo de psicanálise do próprio psicanalista. Disso não se pode abrir mão. Pela saúde de pacientes e pela boa preparação dos futuros psicanalistas brasileiros.

A psicanálise em questão¹⁸

Vera Iaconelli¹⁹

As obras completas de Freud estão acessíveis na internet e abundam canais de YouTube e podcasts –alguns de excelente qualidade– nos quais são debatidos os conceitos fundamentais da psicanálise. O tema interessa a advogados, a professores, a médicos, a pais, enfim, qualquer pessoa que queira conhecer um dos marcos do pensamento ocidental. Existem grandes pensadores da psicanálise que nunca atuaram na clínica e cumprem inestimável função refletindo sobre a teoria e, certamente, sobre suas próprias análises. Esse conhecimento, no entanto, não fará dessas pessoas psicanalistas.

Freud deixa claro em suas “Conferências Introdutórias (1916-1917)” que não há como avançar na teoria sem ter uma experiência direta com o próprio inconsciente. Bom, então se eu estudasse a teoria e fizesse análise, me tornaria psicanalista?

Sinto muito, mas a resposta ainda é não. Amor e conhecimento profundo da teoria psicanalítica não fazem de ninguém analista, tampouco anos de análise o farão.

No entanto, alguns sujeitos, ao longo de sua própria análise, reconhecem o desejo singular de escutar o inconsciente, agora no lugar de analistas. Essa é uma afirmação tão radical quanto possa parecer: é a análise que marca a possibilidade da prática analítica. Mas como sabê-lo de antemão, antes de começar a estudar/se analisar? Não é possível. A vontade consciente –que se diferencia do desejo inconsciente– de se tornar psicanalista nos leva a fazer uma aposta no estudo e na análise, mas essa última poderá revelar motivações bem distantes da função de um analista. Motivações que deveriam demover o aspirante a analista de seguir com sua empreitada.

O desejo de analista é contingencial e, diria Lacan, aberrante, pois implica em dedicar-se à tarefa solitária e peculiar de lidar com aquilo que descartamos o tempo todo: as produções do inconsciente. Não tem nada a ver com o estudo da psicologia (confusão recorrente).

Lacan faz a pergunta que não quer calar: por que raios alguém quereria ser psicanalista? Ouvir horas a fio o sofrimento alheio sem responder às demandas do sujeito, sem aconselhar, palpitar, elogiar, criticar e ser objeto de amor e ódio imerecidos ou de queixas de excesso ou falta de compaixão, afetos transferidos das relações originais. Quando se tornou tão atraente assim ocupar esse lugar? Ofício que leva décadas para ser bem remunerado e não tem horário para acabar, pois o inconsciente não dorme.

¹⁸ Texto publicado no Jornal Folha de São Paulo, em 31 de janeiro de 2022. <https://www1.folha.uol.com.br/columnas/vera-iaconelli/2022/01/a-psicanalise-em-questao.shtml> [Acesso em 01/02/2022]

¹⁹ Diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, doutora em psicologia pela USP

Curso de graduação em psicanálise: a falácia autorizada²⁰

Luciano Elia²¹

De saída, uma constatação: não é em qualquer cenário político que a criação de um curso de graduação em psicanálise é aprovada pelo Ministério da Educação de um país, na surdina, sem qualquer debate público prévio e amplo a respeito da questão com a comunidade psicanalítica e científica concernida.

No atual cenário político brasileiro, não é anódino que um centro universitário particular proceda ao lançamento —e obtenha autorização do MEC para isso— um curso de graduação em psicanálise, no formato EAD (ensino a distância), quatro anos de duração, abrindo precedente para uma enxurrada de cursos análogos, todos deformando brutal e escandalosamente a formação do psicanalista que, em nenhum outro lugar do mundo, assume este formato de um curso de graduação universitária.

Em 130 anos de existência da psicanálise, um consenso sempre se estabeleceu na comunidade psicanalítica, a despeito da diversidade de suas orientações teórico-clínicas: a formação do psicanalista jamais poderia formular-se em termos de um “curso universitário de graduação profissional”, devendo ser feita não apenas após a graduação universitária como também fora do âmbito e dos parâmetros acadêmico-universitários.

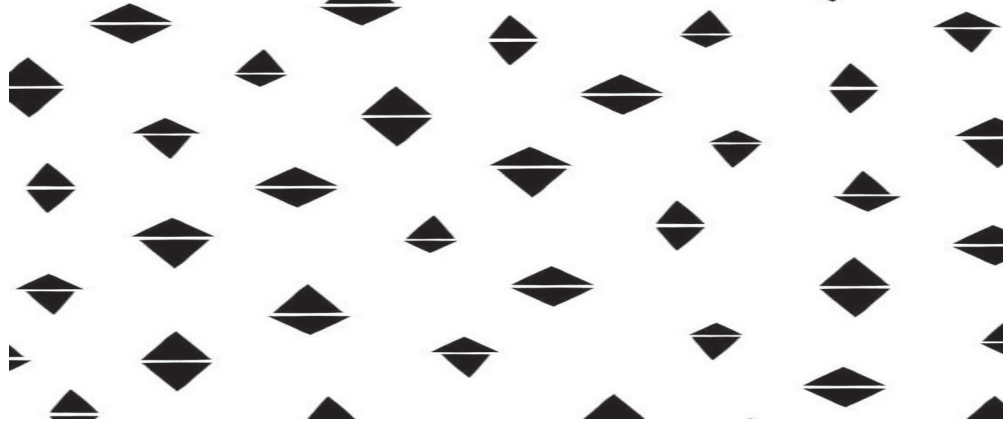
Um curso de graduação necessariamente habilita aquele que o conclui ao exercício de uma profissão regulamentada por lei. A psicanálise, por sua vez, não pode constituir-se como uma profissão regulamentada, exatamente em função de sua estrutura como campo de saber e de experiência. Ela se organiza em função do rigor de seus parâmetros epistemológicos, éticos e discursivos, em torno da impossibilidade de padronizar a formação do psicanalista. Por estruturar-se em torno do inconsciente —descoberta fundamental de Sigmund Freud—, a psicanálise não admite, na formação de seus operadores, o modelo definido pelos estreitos parâmetros do conhecimento acadêmico.

Pretende-se, falaciosamente, difundir esse tipo de curso como instrumento de “democratização do acesso” à psicanálise, tradicionalmente cara e elitista. Demonstramos, ao contrário, que a elitização da psicanálise (que não precisa ser negada) é um processo histórico, não uma decorrência estrutural do discurso psicanalítico, onde não se encontra um só fundamento que justifique qualquer vinculação preferencial da prática da psicanálise a uma classe social, nível de instrução, ideário valorativo de classe, aspectos que sempre dependem do nível socioeconômico.

Na verdade, além de descaracterizar completamente o campo psicanalítico, violentando seu estatuto como laço social peculiar, como modo de produção de saber e como práxis, o que essa proposta promove é a mercantilização mais rasteira da psicanálise, na lógica neoliberal cientificamente mais degradada, e financiá-la em parcelas a perder de vista nos cartões de crédito educativo. A verdadeira democratização da psicanálise só pode ser feita pelo alto

²⁰ Publicado no Jornal Folha de São Paulo, em 31/1/2022. <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/01/curso-de-graduacao-em-psicanalise-a-falacia-autorizada.shtml> [Acesso em 1/2/2022]

²¹ Professor titular de psicanálise do Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas do Instituto de Psicologia da UERJ, psicanalista membro do Laço Analítico/Escola de Psicanálise



e não pelo baixo nível: queremos o melhor para todos, o ouro em pó de uma psicanálise para todos, não a distribuição dos dejetos de uma degradação epistêmica e clínica daquilo que nem mais poderia ser chamado de psicanálise —ainda que se lhe impute, abusiva e desrespeitosamente, este nome.

Bacharel sem formação²²

Daniel Kupermann²³

A formação psicanalítica é um assunto complexo, que desperta intensas angústias. Ela consiste num tripé composto por estudo teórico, supervisão de casos clínicos e, sobretudo, pela análise pessoal do futuro analista com um analista da sua escolha, caracterizada pela experiência transferencial. Ou seja, mais do que adquirir um saber preexistente, a formação analítica implica uma experiência teórico-clínico-existencial que não pode ser reduzida a um curso universitário com X horas predeterminadas de análise conduzida por não se sabe quem.

Acontece que a saída habitual para lidar com aquilo que nos angustia é a simplificação reducionista. “Quero ser psicanalista? Agora existe um bacharelado, e em 4 anos terei meu diploma.” Ao contrário de uma suposta deselitização da psicanálise, trata-se da degradação da experiência psicanalítica.

Criada por um médico (Freud) há pouco mais de cem anos, a psicanálise debruçou-se sobre um objeto inédito, o inconsciente, desvinculando-se da própria medicina e da psicologia do seu tempo. Instituiu-se como uma “ciência bastarda”, segundo Louis Althusser, e precisou de um longo percurso para merecer o respeito cultural hoje conquistado.

Os discípulos de Freud arcaram com o custo existencial de abraçar uma causa incerta, porém a única que atendia às suas inquietações. Assim, advogados, educadores e filósofos —os chamados “analistas leigos” — foram acolhidos nas jovens sociedades de psicanálise. Nunca se cogitou de um curso de graduação específico para formar analistas. Psicanalista é aquele que, por meio de sua análise pessoal, atuação clínica e presença junto aos pares,

²² Publicado no Jornal O Globo em 4/2/2022. <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/bacharel-sem-formacao.html>

²³ Psicanalista, professor da USP e presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi



teve sua experiência do inconsciente reconhecida pela comunidade constituída à margem dos critérios estritamente universitários.

O recém-criado bacharelado em psicanálise subverte, portanto, dois princípios básicos sustentados pela comunidade psicanalítica: 1) o da análise leiga — a psicanálise não deve ficar restrita a uma graduação específica, permitindo assim que qualquer pessoa com curso superior possa se dirigir a uma instituição psicanalítica —há boas alternativas no país — a fim de fazer seu percurso de formação; e 2) o do reconhecimento por parte da comunidade de saber e de experiência dos psicanalistas — os destinos legais da psicanálise deveriam passar por uma consulta aos profissionais que a exercem, a desenvolvem e a transmitem há décadas no país.

A criação de um bacharelado que não detém o apoio da comunidade psicanalítica —hoje bem representada pelo movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras — atende não a uma necessidade desta comunidade ou mesmo da nossa população, e sim a interesses da ávida indústria do ensino superior privado. É bastante duvidoso que o diploma servirá para obter reconhecimento profissional no futuro. Nesse caso, renegar toda e qualquer tradição é incorrer em impostura.

Por uma psicanálise responsável²⁴

Leonardo Francischelli²⁵

Causou perplexidade, na comunidade psicanalítica brasileira e internacional, a notícia que o centro universitário Uninter está oferecendo graduação EAD em psicanálise, com autorização do atual Ministério de Educação, concedendo o respectivo diploma. É factível? Psicanálise não é como o samba que não se ensina no colégio?

Apossam-se da linguagem psicanalítica tradicional, mencionando o tripé da formação clássica. Desconhecem ser pacífico, no nosso meio, que o antigo alicerce tríptico computa atualmente a instituição como quarto eixo de formação.

Em que pese a universidade e as instituições psicanalíticas guardarem um certo parentesco, a transmissão da psicanálise não cabe na primeira, que se ancora na busca incessante de um saber. Para “fazer um samba com beleza é preciso um bocado de tristeza”, assim como o

²⁴ Publicado no Jornal Zero Hora, em 4/3/2022

²⁵ Presidente do CEPdePA e membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)

psicanalista precisa mergulhar nas entranhas do seu inconsciente, descendo aos infernos de Dante, para conhecer a loucura que o habita. A universidade não viaja tão longe.

A Uninter concede título de bacharel, ao passo que nenhuma instituição psicanalítica concede título de psicanalista: não há ato que o nomeie. “Nenhum ensino fala do que é a psicanálise”, enunciou Lacan, acrescentando que a transferência está no início de sua prática.

Um psicanalista floresce aspirando pó do divã até estar apto a instalar outros nesse lugar. Como o samba, a repetição do sonho, o lapso, a transferência e o desejo não são ensináveis: eles acontecem. Não sabemos de que entranhas irrompem. A psicanálise responsável é uma formação que nasce do “in-sabido” como algo ser singularmente elaborado, sob pena de produzirmos psicanalistas vitrine, psicanalistas fake, como aliás muito do que se vende nos tempos atuais.

